

O Espiritismo na Índia



Louis Jacolliot

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Louis Jacolliot

O Espiritismo na Índia

(Fenômenos e manifestações exteriores produzidos pelos sectários dos Pitris
ou iniciados dos pagodes da Índia)

Se eu ouvia falar dos espíritos que voltam, das feitiçarias ou de qualquer outra historia que não podia
compreender, vinha me compaixão pelas pobres pessoas iludidas.
Hoje, acho que, pelo menos, mereço eu ser igualmente lamentado.

Montaigne

**Tradutor da obra
Francisco Klors Werneck**

Louis Jacolliot - Le Spiritisme Dans le Monde

(1892)

Sumário

I - Os iniciados na posse do chamado poder oculto / 07

II - A casa / 09

III - Os faquires encantadores / 11

IV - A dança das folhas / 13

V - O vaso de bronze - Pancadas compassadas acompanhando um fragmento musical / 46

VI - Movimento d'água. - O bastão mágico / 54

VII - Fenômenos de levitação - Pancadas noturnas / 57

VIII - O faquir e o escabelo de bambu - Os jarrões aéreos e o pankah misterioso / 60

IX - O velador preso ao solo - Granizada de golpes - O moinho - Penas voadoras. - O harmonium / 64

X - Reprodução de escritos na areia - A vasilha d'água e o cozinheiro - Extinção de canto - Tradução do pensamento - Leitura dum palavra num livro cerrado - Ruídos melodiosos no ar - A folha de palmeira - Levitação do faquir / 71

XI - Vegetação espontânea / 77

XII - Mãos misteriosas - Transportes de flores, coroas, etc - Letras de fogo - O espectro do brâmane sacrificador - O músico fantasma / 82

XIII - O fantasma de Karli / 89

O poder pertence aquele que sabe

(Agruchada Parikchai)
(O Livro dos Espíritos)

Aquele que penetrou o segredo das coisas, que se elevou pela contemplação à ciência do princípio imortal, que macerou o corpo e desenvolveu a alma, que conhece todos os mistérios do Ser e do não Ser, que estudou todas as transformações da molécula vital desde Brama até o homem e do homem até Brama, é o único que está em comunicação com os Pitris e governa as forças celestes.

(Atharva Véda)
(O Livro dos Poderes Psíquicos)

Os butams — Espíritos malévolos - tremem diante daquele que tem a cabeça raspada, que está revestido do tríplice cordão e da veste amarela e que leva o bastão de sete nós.

(Agruchada Parikchai)
(O Livro dos Espíritos)

Ao Leitor

Sob o título "O Espiritismo no mundo - A iniciação e as ciências ocultas na Índia e em todos os povos da antiguidade", escreveu Louis Jacolliot, em meados do século passado, um interessantíssimo e pouco conhecido livro em que narrou as suas observações pessoais sobre os temas acima enunciados. Da sua obra, dividida em quatro partes, completamente independentes entre si, traduzimos apenas a última, por ser a que mais se ajusta ao caráter desta Biblioteca de Ciências Psíquicas.

Ouçamos as suas palavras no "Ao leitor", da edição francesa:

"Antes de começar a narração dos fenômenos e manifestações exteriores por meio dos quais as hindus pretendem provar que estão na posse do poder oculto, poder que é uma consequência lógica da sua crença religiosa na intervenção dos Espíritos no universo, queremos ressaltar a nossa responsabilidade pessoal.

Nada absolutamente afirmamos sobre a maioria dos estranhos fatos que vamos relatar, habilidade que uma vasta prática proporciona, charlatanismo, alucinação inclusive, tudo pode concorrer para explicá-los, porém para ser imparcial e verdadeiro, devo declarar que, apesar da severíssima fiscalização a que os faquires e iniciados se prestaram, sempre voluntariamente, jamais conseguimos surpreender um só deles em flagrante delito de fraude, o que, nós o reconhecemos, não é uma prova irrefutável da sua boa fé.

O missionário Huc, (*) que foi testemunha dalguns destes fenômenos, no Tibete, tão pouco lhes pôde surpreender o segredo.

(*) *Souvenir d'un voyage dans la Tartarie, le Thibet et la Chine. N. do T.*

Devemos confessar que, nem na Índia, nem no Ceilão, conhecemos um único europeu, até mesmo entre os mais antigos residentes no país, que nos tenha podido indicar que meios empregam os faquires para a produção destes fenômenos.

Quer isto significar que acreditamos na intervenção dos invisíveis?

Não sou adepto do Espiritismo, porém, se considerarmos que o homem, na sua ignorância, tem apenas o direito de negar, devemos acrescentar por outro lado, que a afirmação científica não deve produzir-se senão depois de detido exame, baseado em provas contraditórias.

Existe, não há dúvida, certos fenômenos que nos induziriam a atribuí-los a forças naturais cujas leis o homem ainda não conhece.

Não somos nem podemos ser autoridade nesta matéria, porém, cada vez que vemos atacar com desdém ou ironia (*) o ilustre William Crookes, membro da Sociedade Real de Londres, por causa dos estudos a que se entrega para chegar a descobrir essas leis, involuntariamente nos recordamos das seguintes palavras de Galvani, ao qual deve o mundo ocidental às primeiras experiências sobre a eletricidade: "Duas categorias de pessoas diversas me atacam: os sábios e os ignorantes. Ambas me ridicularizam e me chamam de "mestre de dança de rãs". Entretanto, creio ter descoberto uma das maiores "forças da natureza".

() Como todo o mundo, ri-me do Espiritismo, mas o que eu tomava pelo riso de Voltaire não era mais do que o riso do idiota, muito mais comum do que o outro. (Eugène Bonnemère - L'âme et ses manifestations à travers l'histoire). N. do T.*

Os fenômenos que vamos relatar pertencem às três seguintes categorias:

1.º — Fatos e fenômenos de manifestações exteriores, obtidos por uma força espírita e, mais freqüentemente, com o auxílio de objetos materiais.

2.º — Fatos de ordem magnética e sonambúlica.

3.º — Fenômenos de evocação, de aparições e transportes de objetos materiais pelos Espíritos.

A primeira categoria é de Fiscalização aparentemente fácil e diremos o que, na medida do possível, fizemos, sem formular nenhuma opinião sobre as suas causas. Quanto à última, nós a

suprimiríamos deste livro por não prestar-se a exame científico, se não tivéssemos lembrado que, na antiguidade, todas as religiões, com o Cristianismo à frente, haviam incluído estes fenômenos nos seus mistérios e milagres: por isto pensamos que há, pelo menos, um interesse de curiosidade histórica em revelar a natureza destas práticas singulares — ainda em uso na Índia — destinadas a influir sobre o espírito das massas e que foram a base de todas as superstições antigas.

Observação: Com o escopo de auxiliar Louis Jacolliot na demonstração da semelhança entre os fenômenos produzidos pelos sequazes dos Pitris (Espíritos) na Índia, e os médiuns espíritas na Inglaterra, colocamos, na obra, vários asteriscos, em sua maioria relativos a fatos acontecidos nesse segundo país, escolhendo-os, de preferência, nos livros *Researches in to the Prenomena of Spiritualism* e *Miracles and Modern Spiritualism*, respectivamente, de William Crookes e Alfred Russel Wallace, os quais, juntamente com Lord Kelvin, foram os homens mais sábios da Inglaterra em sua época.

Estes dois livros foram escritos depois de Jacolliot ter deixado a Europa e sem que ele tivesse a menor idéia dos fenômenos que os espíritas atribuem aos seus médiuns, conforme declarou no capítulo IV.

Francisco Klors Werneck

I

Os iniciados na posse do chamado poder oculto

Para passar pelos diferentes graus de iniciação, impõe-se aos noviços uma longa vida de orações, macerações, abluções e jejuns.

Os iniciados possuem poderes mais ou menos extensos, segundo a categoria a que pertencem.

A primeira categoria dos iniciados compreende:

- 1.º — Os grihastas;
- 2.º — Os purohitas;
- 3.º — Os faquires.

Os grihastas, ou pais de família, não abandonam o mundo e são o laço mediador entre o templo e o povo. E lhes formalmente proibida toda a manifestação de fenômenos exteriores; só têm o direito e o dever de evocar, num lugar secreto da sua casa, consagrado a esta prática, as almas dos antepassados e na sua árvore genealógica, Unicamente, para receber os ensinamentos que os devem guiar na vida terrestre.

Os purohitas, ou sacerdotes do culto vulgar são chamados em todas as cerimônias de família, evocam os Espíritos familiares, expulsam os maus, formulam horóscopos, presidem os nascimentos, os matrimônios, os funerais, realizam todos os fenômenos de presságio feliz ou infeliz e intervêm em todos os casos de exaltação e possessão para livrar o paciente de influências malignas. Não saem do terreno religioso.

Os faquires encantadores são os encarregados de pedir esmolas para os templos; percorrem aldeias e cidades, produzindo à vontade os mais estranhos fatos, contrários, na aparência, ao que convimos chamar leis naturais, ajudados pelos Espíritos que assistem a todas as

suas operações; segundo pretendem, têm também autorização e poder para evocá-los.

A segunda categoria compreende:

Os sannyassis. A terceira:

1.º — Os nirvanys

2.º — Os iogues.

Nestes dois graus superiores, o poder dos iniciados é da mesma natureza, variando apenas em extensão. Têm a pretensão de haver submetido à sua vontade os mundos visível e invisível e não produzem manifestações sobrenaturais senão no interior dos templos e, em casos raríssimos, nos palácios dos rajás e outras personagens poderosos da Índia.

Dizem que o tempo, o espaço, a velhice, a própria vida, nada são para eles; gozam da faculdade de abandonar o seu envoltório mortal e de recuperá-lo; governam os elementos, transportam as montanhas e secam os rios.

Sobre este ponto, a imaginação oriental, que não conhece obstáculos, dá larga a toda a fantasia e estes iniciados são olhados na Índia como deuses.

Existe, como se vê, uma organização completa, destinada, apoiando-se nas castas, a manter um estado social, inteiramente sacerdotal.

Pretende-se que nos santuários subterrâneos dos pagodes, estes diversos iniciados se submetem, durante largos anos, a um método de treino que, modificando-lhes o organismo no ponto de vista fisiológico, aumenta, numa proporção considerável, a produção do fluido puro que se chama acaso.

Não nos foi possível obter informações sobre estas práticas ocultas.

E com os faquires, especialmente, que vemos estudar estes diferentes fenômenos.

II

A casa

A fim de que sejamos bem compreendidos num assunto em que não há um modo de falar ainda aceito por todos, digamos o que entendemos pela palavra força espírita (1).

(1) Consideremos que este livro foi escrito em 1866, quando do advento do Espiritismo científico. (N. do T)

Por força espírita, entendemos a aliança da inteligência e das forças físicas para agirem sobre objetos inanimados, sem prejudicar em nada a causa que faz obrar esta força.

O sentido desta palavra não pode ser, de maneira muito exata, aquele que, em geral, se lhe confere; apressamo-nos a dizer que unicamente dela nos servimos para classificar os fenômenos que vamos relatar e que os termos desta qualificação correspondem, exatamente, àqueles empregados pelos hindus. A causa suprema de todos os fenômenos é, segundo os brâmanes, o fluido puro, acaso, ou fluido vital, que, espalhando-se por toda a natureza, põe em comunicação todos os seres animados e inanimados, visíveis ou invisíveis. O calor, a eletricidade, todas as forças naturais, numa palavra, não são mais do que estados particulares deste fluido.

O ser que possui maior soma desta força vital adquire um poder proporcional sobre os seres animados menos bem dotados e sobre os inanimados.

Os próprios Espíritos são sensíveis à comunicação estabelecida pelo fluido universal e podem pôr o seu poder ao serviço daqueles que possuem força suficiente para evocá-los. Para alguns brâmanes, o acaso é o pensamento atuante da alma universal, dirigindo todas as almas que estariam entre si em constante comunhão, se o grosseiro envoltório do corpo não se lhe ocupasse de certo modo. Quanto mais

a alma se desprende da sua roupagem terrena pela contemplação, tanto mais sensível se faz à corrente universal, que une todos os seres visíveis e invisíveis.

Tal é a teoria hindu, que nos limitamos a expor, sem sair do nosso estrito papel de tradutor.

III

Os faquires encantadores

Não há um só europeu que não tenha ouvido falar da habilidade extraordinária dos faquires hindus, que se designam vulgarmente pelos nomes de encantadores ou pelotiqueiros. Pretendem estar investidos dum poder sobrenatural; eis a crença de todos os povos da Ásia.

Nas narrações dos seus fatos e gestos nos nossos países, ouve-se, ordinariamente, esta resposta: "Dirigi-vos aos prestidigitadores, eles vos mostrarão outro tanto". Para que o leitor possa por si mesmo apreciar o fundamento desta opinião, parece-nos indispensável indicar como operam os faquires.

Eis os fatos que afirmamos e que não serão contraditados por nenhum viajante:

1.º — Os faquires não dão representações públicas em lugares onde a reunião de muitas centenas de pessoas torna toda a fiscalização impossível.

2.º — Não andam acompanhados de nenhum ajudante ou compadre.

3.º — Apresentam-se no interior das casas completamente despidos, trazendo por pudor um pedacinho de pano pouco maior do que a mão.

4.º — Não conhecem nem os copos dos prestidigitadores, nem os sacos encantados, nem as caixas de fundo duplo, nem as mesas preparadas, nem nenhum dos mil e um objetos necessários aos nossos escamoteadores europeus.

5.º — Não conservam absolutamente nada, em seu poder, além duma varinha de bambu tenro com sete nós, da grossura duma caneta, que seguram com a mão direita, e um pequeno apito de três

polegadas de comprimento, que dependuram numa mecha dos seus longos cabelos, pois não possuindo roupa nem bolsos, seriam forçados a trazê-lo na mão.

6.º — Operam segundo a vontade da pessoa em cuja casa se encontram, sentados ou de pés e, segundo o caso, sobre a esteira de setim da sala de visitas, sobre as lousas de mármore, de granito ou de estuque da varanda, ou sobre a terra dos jardins.

7.º — Quando precisam duma pessoa para produzirem fenômenos de magnetismo ou de sonambulismo, aceitam qualquer dos vossos criados e trabalham com a mesma facilidade com o europeu que se prestar a isto.

8.º — Se um objeto qualquer é necessário, seja um instrumento de música, bastão, papel, lápis, etc... eles pedem que lhes forneçam.

9.º — Recomeçam sob os vossos olhos as experiências, tantas vezes quantas exigirdes a fim de que possais fiscalizá-las.

10.º — Enfim, eles nunca pedem salário, limitando-se a aceitar a esmola que lhes for oferecida, para o templo de que dependem.

Durante os longos anos em que eu percorri a Índia, em todos os sentidos, posso afirmar que jamais vi um único faquir que tivesse procurado subtrair-se a qualquer destas prescrições.

Resta-nos perguntar se o mais famoso dos nossos escamoteadores consentiria em privar-se dos seus acessórios e operar nas mesmas circunstâncias.

A resposta não seria duvidosa.

Sem nada determinar sobre as causas e os meios, limitamo-nos a consignar os fatos.

IV

A dança das folhas

Sem ordem, recolhemos os fatos que observamos, tais como estão consignados nas nossas notas, limitando-nos a agrupá-los segundo as divisões que adotamos para tornar mais clara a classificação hindu.

O que chamamos força espírita denominam-na os hindus artaahancarasya, ou força do eu.

Havia vários anos que habitava Pondichéry, capital dos nossos estabelecimentos de Carnatic, quando, certa manhã, entre as onze e meia, meu dobachy (criado de quarto) veio dizer-me que um faquir desejava fazer-me uma visita.

Eu havia deixado a Europa sem ter a menor idéia dos fenômenos que os espíritas atribuem aos seus médiuns. Ignorava até os princípios em que se baseia esta fé que eu julgava nova e que hoje sei que é tão antiga quanto os templos da Índia, da Caldéia e do Egito, que todas as religiões começaram pela crença nos invisíveis e nas suas manifestações exteriores que são a fonte da pretendida revelação celeste.

Nem sequer havia visto um simples velador mover-se sob a imposição de mãos; os exageros da crença nos invisíveis, com que os adeptos convictos fazem sempre as suas narrativas, se assemelhavam de tal modo aos êxtases, às aparições misteriosas e a todo o arsenal do catolicismo, e, no entanto, não me ocorrera ainda, a mim racionalista empedernido como ainda sou, a idéia de assistir a experiências que, com verdadeiro ardor, e realizavam em todas as partes.

Quanto aos faquires hindus, considerava-os simples prestidigitadores, tanto que os fazia despedir, logo se apresentavam.

Todavia, ouvindo sempre falar da sua habilidade maravilhosa, sentia-me tentado pela curiosidade. O hindu havia sido introduzido e me dirigi ao seu encontro, numa das varandas internas da minha habitação.

Impressionou-me a sua magreza. Tinha o rosto descarnado dum asceta e os olhos, que pareciam meio apagados, me reproduziram a sensação que havia já experimentado, ao fitar os olhos glaucos e imóveis dos grandes esqualos do Oceano.

Enquanto me esperava, havia ele se sentado na laje de mármore.

Assim que me viu, levantou-se, lentamente, e, inclinando-se com as mãos voltadas para a frente, disse:—Saranai aya (saúdo-te respeitosamente, senhor); sou Salvanadim — Odéar, filho de Canagarayen — Odéar. Que o imortal Vixinu vele por ti!

— Solam Salvanadim — Odéar, filho de Canagarayen — Odéar. Possas tu morrer às margens sagradas do Tircangy (2) e que esta seja a tua última transformação!

(2) *Um rio tão sagrado quanto o Ganges. Fica ao sul do Hindustão. (N. do T.)*

— O guru (3) do pagode, prosseguiu o hindu, disse-me esta manhã: Ide espigar ao acaso como os pássaros nos arrozais. E Ganeza, o Deus que protege os viajores, me conduziu à tua habitação!

(3) *Mestre, iniciado hierofante. (N. do T.)*

— Sê bem-vindo!

— Que desejas de mim?

— Diz-se que tens a faculdade de comunicar movimento a corpos inertes sem necessidade de tocá-los. Tenho desejo de ver-te operar esta maravilha.

— Salvanadin — Odéar não tem este poder; ele evoca os Espíritos e são estes que vêm prestar-lhe o seu auxílio.

— Pois bem, que Salvanadin — Odéar evoque os Espíritos e me mostre o seu poder.

Apenas pronunciadas estas palavras, o faquir se sentou de novo no solo, colocando entre as pernas cruzadas o bastão de sete nós.

Pedi-me que ordenasse ao meu criado que lhe trouxesse sete pequenos potes cheios de terra, sete delgados pedaços de madeira do comprimento de dois côvados e sete folhas arrancadas de qualquer árvore.

Quando lhe trouxeram os objetos pedidos, sem sequer tocá-los fê-los colocar em linha horizontal a uns dois metros de distância do seu braço estendido. Ordenou ao meu criado que enterrasse cada um dos pedaços de pau em cada pote de terra e que fizesse passar por eles cada folha de árvore atravessada no meio.

Cada folha foi atravessada em cada pedaço de pau e caía sobre cada pote, à guisa de tampa. Isto feito, elevou as mãos unidas sobre a cabeça, murmurando na língua tamul a seguinte evocação: Que todas as potências que velam sobre o princípio inteligente da vida (kchetradjna) e sobre o princípio da matéria (butatoma) me protejam contra a cólera dos pisatchas (Espíritos maus) e que o espírito imortal que tem três formas (mahatatrindandia trindade) não me entregue à vingança de Yama.

Ao terminar, estendeu as mãos na direção dos potes e ficou imóvel, como em êxtase. De tempos em tempos, os seus lábios se agitavam como se ele continuasse uma invocação oculta, mas som algum me chegava aos ouvidos.

Eu seguia toda esta encenação com indizível sentimento de curiosidade e o sorriso nos lábios, sem duvidar do que se ia passar.

De repente, pareceu-me que um vento me agitava docemente os cabelos e me acariciava o rosto, como essas rajadas de brisa que circulam no ar, ao pôr do sol. Entretanto, as grandes cortinas de fibras vegetais, que guarneciam os espaços vazios entre as colunas da varanda, permaneciam imóveis.

Cri num erro de sensação, porém o fenômeno se renovou várias vezes seguidas. Havia transcorrido aproximadamente um quarto de hora sem que o faquir mudasse de posição quando as folhas de figueira começaram a subir e a descer, insensivelmente, ao longo dos pedaços de madeira que as mantinham cativas.

Aproximei-me e, com viva atenção, segui o movimento das folhas. Não sem certa emoção, devo confessar, notei uma ausência absoluta de todo o laço de comunicação visível entre o hindu e as folhas.

Passei e repassei, várias vezes, o espaço que separava o faquir encantador, dos potes de terra e interrupção alguma se produziu na descida e subida das folhas.

Tendo pedido então para inspecionar o aparelho, coisa que me foi concedida sem hesitação, tirei as folhas dos paus, os paus dos potes e esvaziei no chão toda a terra contida nos recipientes. Chamei depois o cozinheiro e mandei trazer sete copos de pé, nova terra do jardim e outras folhas. Parti eu mesmo uma cana de bambu em sete pedaços e arranjei tudo de novo, colocando-o a uns quatro metros do faquir, que contemplava a operação sem fazer nenhuma reflexão ou movimento.

— Crês, disse-lhe eu, que os Espíritos que te assistem podem continuar operando agora?

Como única resposta, o hindu estendeu os braços, como anteriormente havia feito.

Ainda não haviam passado cinco minutos quando as folhas se agitaram de novo e recomeçaram o seu movimento ao longo das varas de bambu.

Fiquei estupefato e, deve-se confessar, o meu assombro era justificado.

Não me dei, contudo, por vencido e, depois de perguntar ao faquir se os vasos e a terra eram necessários à produção do fenômeno, sendo a sua resposta negativa, fiz praticar sete furos num pedaço de madeira

e fixei nele os pedaços de bambu. Em pouco tempo, os mesmos fatos se reproduziram com igual regularidade.

Durante duas horas, ensaiei vinte maneiras diferentes e o resultado foi sempre o mesmo. Pensava se não estaria sob a influência duma poderosa ação magnética, quando o faquir me disse:

— Não tens nada a pedir aos invisíveis, antes que me separe deles?

Não esperava por esta pergunta, porém, como ouvi dizer que os médiuns europeus se servem dum alfabeto para as suas pretensas conversas com os Espíritos, expliquei o fato ao hindu e lhe perguntei de que maneira se podia estabelecer uma comunicação por um meio semelhante.

Respondeu-me, textualmente:

— Interroga como quiseres; as folhas permanecerão imóveis quando os Espíritos nada tiverem a dizer-te; ao contrário, elas subirão ao longo das varas de bambu quando quiserem fazer-te conhecer o pensamento daqueles que as dirigem.

Ia traçar, às pressas, um alfabeto numa folha de papel, quando me ocorreu outro expediente.

Possuía um jogo de letras e algarismos, de cobre, incrustados em dados de zinco, o qual servia para imprimir o meu nome e um número de ordem nos livros da minha biblioteca; atirei-os, misturados, dentro dum saquinho de tela e, tendo o faquir retomado a sua posição de evocação, pensei num amigo morto há quase 20 anos, e comecei a extrair, um por um, os números e as letras do saco, olhando, cada vez que tirava, para observar se as folhas se moviam.

Quatorze dados já haviam saído do saco sem que nada de extraordinário ocorresse, quando, ao aparecer a letra A, as folhas se agitaram, subiram rapidamente o bambu e caíram imóveis sobre a tábua em que estavam fixas pelos pedaços de bambu.

Não posso ocultar a emoção que senti, vendo esta ascensão de folhas coincidir com o aparecimento da primeira letra do nome do meu amigo.

Quando o saco ficou vazio, tornei a colocar nele as letras e os números e continuei a operação. Obtive, sucessivamente, letra por letra, número por número, a seguinte frase:

Albain Brunier, falecido em Bourgen-Bresse (Ain), a 3 de janeiro de 1856.

Nome, data, cidade, tudo era exato. Afluiu-me o sangue ao cérebro ao ler e reler estas palavras que me brilhavam diante dos olhos de maneira estranha.

O golpe era tanto mais rude quanto eu não tinha idéia alguma sobre este gênero de fenômenos e não estava de modo algum preparado para observá-los. Tinha necessidade de achar-me a sós, de refletir livremente, e, por isso, despedi o faquir, sem prosseguir naquele dia com as minhas observações, fazendo-o prometer que voltaria no dia seguinte, à mesma hora.

Ele não faltou ao encontro marcado. Repetimos as experiências da véspera e obtivemos o mesmo êxito.

A minha primeira emoção, perfeitamente compreensível dentro do ambiente em que se produziu, havia desaparecido; porém eu não havia dado um só passo para a crença no maravilhoso, nem nas evocações. Limitava-me a formular, a mim mesmo, a seguinte suposição: se isto é puro charlatanismo, influência magnética ou alucinação, que são as causas que devemos considerar, principalmente, como origens destes fatos... talvez exista uma força natural, cujas leis são ainda desconhecidas, a qual permite, a quem a possui, influir sobre objetos inanimados e traduzir o nosso pensamento, como o telégrafo que põe em comunicação duas vontades em dois pontos opostos do planeta.

Passei parte da noite refletindo neste assunto e, depois duma primeira sessão, na qual fiz reproduzir todos os fenômenos do dia precedente, pedi ao faquir que os recomeçasse e ajustei a minha conduta à suposição que acabava de, a mim mesmo, formular.

Pedindo às forças de transmissão de pensamento do faquir que me repetissem a comunicação da véspera, comecei a mudar, mentalmente, a ortografia do nome, pensando, intensamente, em cada letra, e obtive a seguinte variante:

Halbin Pruniet, falecido, etc. (4)

(4) Em outra ocasião, eu acompanhava à casa da Sra. Marshall, a (médium) minha irmã e uma senhora que nunca ali tinha ido, e nos foi dada uma curiosíssima demonstração do absurdo que existe em imputar a decifração de nomes à hesitação do consultante e à finura do médium. Essa Sra. desejou lhe fosse dado o nome dum amigo particular e apontou as letras do alfabeto, segundo o processo usual, enquanto que as escrevia à proporção que eram indicadas. Os três primeiros caracteres foram YRN. — Oh! disse a senhora, isto não tem sentido; temos obtido coisas melhores até hoje. — Justamente nesta ocasião veio um E, e, refletindo comigo mesmo percebi o que isso era. — Se vos apraz, disse eu, continuai, eu compreendo isso — A comunicação inteira foi em seguida dada por este modo: YRNEHKCOEFFEJ. A Sra. compreendera essas letras tanto como a princípio, até que separei desta forma o ditado: YRNEHKCOEFFEJ, ou HENRY JEFFEOCK, o nome do amigo que ela desejava, ditado às avessas. (Alfred Russel Wallace — Miracles and Modern Spiritualism). N. do T.)

Devo acrescentar, todavia, que havendo querido mudar o nome da cidade e a data da morte, não o consegui e a transmissão persistiu assim:

Falecido em Bour-en-Bresse (Ain), a 3 de janeiro de 1856.

Durante quinze dias, consegui que o faquir me visitasse, prestando-se ele, de boa vontade, a todas as minhas exigências.

As minhas experiências variaram da seguinte maneira. Persistindo em não sair da primeira transmissão que recebi, quis assegurar-me, de maneira formal, da possibilidade de influenciar completamente os diferentes termos da comunicação supra. Consegui se mudassem as letras que compunham o nome até fazê-lo desconhecido e pude do mesmo modo fazer modificações na data do dia, do mês, e do ano,

porém me foi impossível obter a menor alteração quanto ao nome da cidade que foi sempre exatamente transmitido:

Bourg-en-Bresse

Disto inferi, baseando-me sempre na opinião que havia formulado, e admitindo que ali houvesse realmente uma força natural que punha o faquir em relação a mim e às folhas, que eu não podia talvez isolar suficientemente o meu pensamento da verdadeira ortografia de todas as palavras da frase em questão. Em várias épocas diferentes, renovei as mesmas tentativas com pessoas diferentes, sem obter melhor resultado.

Se por um lado os fenômenos materiais se reproduziam duma maneira, por assim dizer, constante, por outro havia variações não menos persistentes nas traduções de pensamentos, variações que ora eram desejadas por mim, ora, ao contrário, pareciam opostas à minha vontade.

Na última sessão que me deu o faquir, fez ele baixar com uma simples pena de pavão o prato duma balança cujo prato oposto tinha um peso de oitenta quilos; apenas com a imposição de mãos, fez dar voltas no ar uma coroa de flores, sons indefinidos vibraram no espaço e uma mão traçou no ar caracteres fosforescentes.

Naquela época, nem sequer me ofereciam dúvidas tais fenômenos; ali, na minha opinião, não havia outra coisa senão pura fantasmagoria. Por isto, não encontro nas minhas notas o relato completo dos fatos desta sessão. Narrei-as mais adiante, amplamente, quando com outros faquires fiz sessões.

Em resumo: jamais admiti a mais ligeira fraude nos simples fenômenos materiais, tendo a acrescentar que submeti todos eles à mais severa fiscalização. Quanto aos fatos psicológicos, pondo de lado a hipótese de intervenção sobrenatural e supondo, simplesmente, uma comunicação fluídica entre o operador e o assistente, devo declarar que não obtive nada de fixo e invariável.

Estas foram as minhas primeiras observações em Pondichery.

As minhas funções judiciais e a especialidade dos meus estudos sobre a Índia não me permitiram continuar com as minhas experiências, sobretudo diante do resultado obtido, afirmativo, é certo, nos fenômenos materiais, porém duvidosos e instáveis na transmissão do pensamento entre duas pessoas acordadas, numa pretendida comunicação fluídica.

Teria, acaso, ensejo de estudar esta força material, admitida a sua existência, despojando-a do aparato e da teatralidade de que se rodeiam os faquires encantadores, para impressionar a imaginação das massas? Não acreditei que fosse esta a minha missão, ocupado, como já disse, com os meus deveres profissionais e as minhas investigações acerca dos povos primitivos da Ásia. Todavia, ainda que me desinteressando do fato, adquiri o hábito de no curso dos meus estudos, pôr de parte tudo o que se referia à doutrina dos Pitris (manes ou Espíritos dos antepassados) ou aos sequazes dos Espíritos, pensando publicar mais tarde tudo o que tivesse achado sobre tão estranho tema, o qual talvez apaixone o mundo ocidental tanto quanto o mundo asiático.

Anotei, igualmente, todos os fenômenos materiais com que os faquires afirmam o seu pretense poder porque me pareceu que a narração destes fatos podia servir de colorido à exposição da doutrina.

Ainda que tenha sido meu propósito manter-me no papel de historiador, quero neste capítulo relatar a única tentativa séria que fiz para conhecer esta força que os faquires parecem possuir e que, segundo eles, os põe em comunicação com os invisíveis, coisa que pretendem possível alguns gênios da nossa época e não certamente dos pior dotados.

Pareceu-me que devia responder a esta pergunta do leitor: Por que o autor separa assim a sua personalidade? Não tem, pois, uma opinião sobre a matéria?

Com efeito, não tenho ainda uma opinião científica formada sobre o presente assunto.

Estou persuadido de que existe na natureza e no homem, átomo no conjunto, imensas forças cujas leis ignoramos.

Creio que o homem descobrirá essas leis e que o porvir converterá em realidades o que hoje se olha como sonhos, e estudará fenômenos dos quais nem sequer se suspeita atualmente.

Como no mundo físico, no mundo das idéias tudo tem necessidade dum período de gestação e de eclosão. Quem sabe se esta força física, como dizem os ingleses, esta força do eu, segundo os hindus, que este humilde faquir desenvolveu, talvez, diante de mim, não será mais tarde uma das maiores forças da humanidade!

Que não se diga que os hindus que, há mais de dez mil anos disto se ocupam, não tenham chegado a formular as leis desta pretendida força e que o presente e o futuro não devem perder, como eles, o tempo.

Os brâmanes tudo submeteram à fé religiosa e para a fé não existe nem experiências nem provas científicas.

Vede o que no domínio das ciências exatas fez a Idade Média, procurando os seus axiomas nos textos da Bíblia.

Desde a mais remota antiguidade, nos pagodes se faziam estourar vasos nos quais comprimiam vapor e haviam igualmente observado certos fenômenos elétricos.

Isto não os levou nem às estradas de ferro nem ao telégrafo.

Entre nós mesmos não vimos doutíssimas sociedades, rodeadas de todos os prestígios oficiais, tratar Fulton de louco e considerar o telégrafo um brinquedo bom para enviar mensagens dum quarto ao outro, na mesma casa?

No ar livre e com as convulsões atmosféricas o fio condutor não obedeceria. E hoje esse fio rodeia o mundo inteiro e se submerge no mais profundo dos mares.

Observai, pois, o trabalho do conjunto das sociedades humanas. Cada século volve e revolve em todas as suas faces uma idéia; cada sábio a desenvolve, apresenta um sistema ao qual se aferra tenazmente; cada entidade científica emite uma opinião e nela se fecha; se não diz "não se vá mais longe", cada qual sente o que pensa, posto que repila toda a idéia que não nasceu no seu seio, toda a idéia nova e atrevida.

Chega a nova geração, os filhos se insurgem contra a inércia dos pais... e a hélice percorre os mares contra ventos e marés, e o fluido elétrico transporta o pensamento humano aos quatro cantos do planeta.

Já que me deixei arrastar ao terreno das apreciações pessoais, concludo de tudo o que vi na Índia, despojando-o do fantástico de que os hindus gostam de cercar-se que deve haver no homem uma força especial sob uma direção desconhecida e, amiúde, inteligente, forças cujas leis devem ser estudadas por homens isentos de preconceito e rotina.

Não se desenvolveria essa força pela educação, e um certo método de treino que os sacerdotes dos templos antigos punham em jogo para impressionar a imaginação das turbas com pretensos prodígios?

Tudo não seria então desprovido de fundamento nas narrações antigas e, ao lado de superstições grosseiras, haveria realmente a atuação duma força natural, agitando, à distância, folhas de árvores, tapeçarias, grinaldas de flores suspensas nos santuários, fazendo pesar 80 quilos uma simples pena de pavão ou ainda ouvir sons harmoniosos com o auxílio de instrumentos invisíveis.

Dignar-se-ão os nossos sábios, algum dia, estudar seriamente como se produzem estes fenômenos que, vinte vezes repetidos debaixo dos

meus olhos, não me pareceram prestar-se à mais leve suspeita de fraude?

Ignoro-o; a sua missão seria, entretanto útil, ou surpreendendo práticas fraudulentas, ou descobrindo mais uma força na Natureza.

Ao pôr em ordem, para imprimir, as diversas partes deste volume, escrito em Pondichery, em 1866 e que, por especiais razões eu havia deixado, até então, dormir entre os meus escritos guardados, tive, no primeiro momento, a intenção de suprimir todo o presente capítulo, no qual, contrariamente ao meu papel de simples narrador, parecia inclinar-me a crer numa força puramente natural, é verdade, mas que produzia fenômenos, na aparência, sobrenaturais.

Até aqui, no resto da minha obra, havia omitido toda a opinião pessoal.

Devia abandonar esta regra precisamente ao falar das práticas mais ou menos fantásticas dos hindus? E por outro lado, devia vacilar em proclamar as realidades prováveis, que me pareciam fora do sobrenatural?

Estava ainda indeciso, quando, graças à amabilidade do Dr. Puel (5), tive conhecimento dum artigo sobre a força psíquica, publicado pelo sábio William Crookes, membro da Real Sociedade de Londres, no *Quarterly Journal of Science*, um dos mais sérios órgãos científicos da Inglaterra.

(5) *Dr. T. Puel, médico, autor de diversos trabalhos, entre os quais um clássico sobre a Catalepsia. (N. do T.)*

Achava-me ausente da Europa, quando o artigo apareceu, e isto, unido a outros estudos, não me havia permitido manter-me ao corrente desse gênero de pesquisas. Qual não foi o meu assombro ao ver que o ilustre químico e fisiólogo inglês, em consequência de experiências semelhantes às que eu havia realizado na Índia, estabelecia formalmente a existência desta nova força do organismo

humano, a qual muito timidamente, vários anos antes eu havia entrevisto por suposição. Resolvi, pois, deixar o capítulo tal qual estava escrito, porém fazendo-o seguir do artigo do sábio inglês, a título de apoio.

Se, apesar de todas as precauções que julgo ter tomado, afastando toda a crença no sobrenatural e não formulando mesmo uma opinião ainda que de maneira algo hipotética, me for dirigida a censura de haver sido crédulo em excesso, suporta-lo-ei mais facilmente em companhia dum dos membros mais distintos da mais ilustre sociedade científica da Inglaterra.

Eis o notável artigo que, sem dúvida, muitos conhecem, o qual será talvez para alguns, como o foi para mim, uma revelação.

Pesquisas experimentais sobre a força psíquica por William Crookes, membro da sociedade real de Londres, Inglaterra

Há um ano, escrevi, neste periódico, um artigo (6), no qual, depois de haver expressado, da maneira mais formal, a minha crença, sob certas condições, na realidade de fenômenos que não se poderiam explicar per nenhuma lei natural conhecida, assinalava várias provas que os homens de ciência tinham o direito de exigir antes de acreditar na veracidade dos fenômenos narrados; entre as provas indicadas, apresentava o fato de que "uma balança delicadamente nivelada seria posta em movimento, em condições de rigoroso controle "e que" a produção duma força equivalente a um certo número de foot-pounds (7) se manifestaria no laboratório dum experimentador, o qual devia pesar e medir essa força, submetendo-a, por si mesmo, a uma prova concludente."

(6) *O Quarterly Journal of Science*, vol. 7, pág. 316, junho de 1870.

(7) *Medida análoga ao quilômetro, do qual é uma fração.*

Também dizia que não podia comprometer-me a tratar deste assunto duma maneira mais completa por causa das dificuldades que existem para se obterem ocasiões favoráveis, também por causa de numerosos insucessos em certas investigações, e ademais, porque "as pessoas em presença das quais esses fenômenos se realizam são em pequeno número e ainda são mais raras as oportunidades para a realização de experiências com um aparelho previamente disposto."

Deparando-se-me depois ensejo para continuar as minhas investigações, aproveitei-as com prazer para aplicar a esses fenômenos provas escrupulosamente científicas e logrei obter determinados resultados que julgo conveniente publicar.

Essas experiências parecem estabelecer, de maneira concludente, a existência duma nova força ligada de modo desconhecido à organização humana e que, para maior facilidade, podemos chamar força psíquica.

A mais notável de todas as pessoas dotadas dum poderoso desenvolvimento dessa força psíquica e as quais se chamam médiuns, segundo uma teoria completamente diferente sobre a origem da dita força, é Daniel Dunglas Home (8).

(8) Home, grande médium de efeitos físicos, natural dos Estados Unidos da América, morreu em Paris, num estado vizinho ao da miséria. (N. do T.)

Graças às numerosas ocasiões que tive de fazer as minhas experiências com ele, posso hoje afirmar, positivamente, a realidade da força psíquica.

As experiências que realizei foram numerosíssimas; dado, porém o nosso imperfeito conhecimento das condições que são favoráveis ou contrárias a esta força, isso unido à forma caprichosa com que ela se produz, e também porque o Sr. Home está sujeito aos fluxos e refluxos dessa força, raro é que um resultado obtido numa ocasião se confirme noutra, ainda mais com aparelhos construídos para esse fim especial.

Entre os notáveis fenômenos que se produzem sob a influência do Sr. Home, os mais impressionantes, como também os mais fáceis de comprovar com exatidão científica, são os seguintes:

1.º — Alteração no peso dos corpos;

2.º — Produção de sons melódicos em instrumentos de músicas geralmente num acordeão, por causa do seu fácil transporte, sem intervenção humana direta, em condições que tornavam impossível todo o contacto ou toda a relação com as suas chaves.

Somente depois de tê-los testemunhado uma dezena de vezes é que me convenci da sua realidade, tendo, empregado, nesse estudo, todo o espírito de crítica de que sou capaz. Todavia, para que não restasse a mais leve sombra de dúvida, convidei muitas vezes o Sr. Home a ir à minha casa, a fim de submeter esses fenômenos a provas decisivas, na presença dum pequeno número de pesquisadores científicos.

As reuniões se realizaram à noite numa grande sala iluminada a gás.

O aparelho preparado para demonstrar os movimentos do acordeão consistia numa gaiola formada de dois círculos de madeira, um de um pé e dez polegadas, outro de dois pés de diâmetro, unidos por doze réguas estreitas, cada uma de um pé e dez polegadas de comprimento, à semelhança dum tambor, aberto em ambas as extremidades, e rodeados por cinqüenta metros de fios de cobre isolado, que descreviam vinte e quatro voltas, distantes uma da outra pouco menos duma polegada.

Esses fios de cobre estavam unidos entre si, formando uma rede de que cada malha tinha pouco menos de duas polegadas de comprimento sobre uma de altura.

A altura dessa gaiola era tal que podia ser colocada debaixo da mesa de refeições, porém era tão fechada nas extremidades que era impossível introduzir a mão na parte superior ou meter o pé na abertura inferior.

Noutra peça havia duas pilhas de Grove das quais partiam fios que penetravam na sala de jantar com o fim de estabelecer, se se desejasse, uma comunicação com os da gaiola.

O acordeão era novo; eu mesmo comprei-o, para essas experiências, na Casa Wheatstone, na Conduit Street. O Sr. Home não viu nem tocou nesse instrumento, antes do começo de nossas provas experimentais.

Noutra parte do aposento, estava o aparelho destinado a fazer investigações sobre a modificação do peso dos corpos.

Consistia numa tábua de acaju, de trinta e seis polegadas de comprimento por nove e meia de largura; em cada uma das suas extremidades estava fixa uma tira da mesma madeira, duma polegada e meia de largura, a qual servia de suporte. Uma das extremidades dessa prancha repousava sobre uma mesa sólida, enquanto a outra descansava sobre uma balança de mola suspensa num tripé.

Essa balança tinha um índice que registrava o peso máximo marcado pela agulha. O aparelho estava de tal forma disposto que a tábua de acaju ficava em posição horizontal e a sua base descansava sobre o suporte, nesta posição, o peso marcado pela agulha da balança era de três libras.

O Sr. Home não examinou, antes da sessão, nenhuma das partes do aparelho que fora instalado antes da sua chegada.

Talvez convenha acrescentar, para colocar-me a cavaleiro das objeções que me serão feitas, sem dúvida alguma, que, havendo ido à casa do Sr. Home, à tarde, e, devendo mudar este de roupa, acompanhei-o ao quarto, a fim de continuar a conversa que havíamos encetado, e posso asseverar que não levou sobre o seu corpo nem máquina nem aparelho de qualquer espécie.

As pessoas presentes à experiência foram as seguintes: em primeiro lugar, um eminente físico que ocupa elevado posto na Sociedade Real e a quem designarei sob o nome de Dr. A. B.; depois,

um conhecido doutor em direito, ao qual chamarei o advogado C. D. e por último meu irmão e meu preparador de química (9).

(9) O Dr. A. B. é o Dr. William Huggins; o advogado C. D. é o Dr. Edward William Cox, cujas cartas-testemunhos leremos adiante. (N. do T.)

Numa cadeira baixa, ao lado da mesa, o Sr. Home tomou assento.

Defronte dele, embaixo desse móvel, encontrava-se a gaiola de que antes falamos e em cada lado dessa as pernas do experimentador.

Sentei-me à sua esquerda, outro observador à direita e as demais pessoas se colocaram a conveniente distância, ao redor da mesa.

Durante a maior parte da sessão e, principalmente, quando se procedem a algumas experiências importantes, os observadores, colocados em ambos os lados do Sr. Home, puseram os seus pés em cima dos deste, de forma que podiam sentir todos os seus movimentos.

A temperatura do quarto oscilava entre 68 e 70 graus Fahrenheit (20 e 21 graus centígrados).

Depois de abrir com as minhas mãos a chave da parte baixa do instrumento, a gaiola foi retirada de sob a mesa e nela se introduziu o acordeão com as chaves voltadas para baixo. Empurrou-se depois a gaiola para debaixo do móvel, tanto quanto o permitiu o braço do Sr. Home, mas sem lhe ocultar a mão daqueles que estavam do seu lado.

Logo, os que estavam de cada lado viram o acordeão balançar-se de maneira curiosa, depois desprenderem-se dele alguns sons e, finalmente, uma sucessão de notas. Enquanto isto ocorria, o meu preparador havia deslizado por baixo da mesa e verificado que o acordeão se contraía e dilatava alternativamente; viu, na mesma ocasião, que a mão do Sr. Home, a qual segurava o instrumento, permanecia imóvel, enquanto a outra repousava sobre a mesa.

Depois, os que estavam dos dois lados do Sr. Home viram o acordeão mover-se, oscilar, voltear em torno da gaiola e tocar ao mesmo tempo. O Dr. A. B. olhou então para baixo da mesa e disse

que a mão do mesmo Sr. parecia completamente imóvel enquanto o acordeão movia-se e fazia ouvir sons distintos.

O Sr. Home manteve ainda o acordeão na gaiola, na forma habitual; seus pés achavam-se seguros pelas pessoas que estavam junto dele, tinha a outra mão em cima da mesa e, ainda assim, ouvimos, primeiro, notas sucessivas e depois uma singela ária musical. Como tal resultado não podia ser produzido senão pelas diferentes chaves do instrumento, postas em ação de maneira harmoniosa, todos os presentes consideraram essa experiência como decisiva.

Mas o que se seguiu foi ainda mais surpreendente.

O Sr. Home afastou inteiramente a mão do acordeão, retirou-a completamente da gaiola, colocando-a em cima sobre a de um dos vizinhos; o acordeão continuou a tocar sem que pessoa alguma o tocasse e sem mão alguma perto dele.

Quis depois experimentar que efeito produzíamos fazendo passar a corrente elétrica da bateria em torno do fio isolado da gaiola.

Para esse fio, o meu ajudante estabeleceu a comunicação com os fios que partiam das pilhas de Grove. De novo, o Sr. Home segurou no instrumento dentro da gaiola, do mesmo modo que precedentemente e, imediatamente, ele ressoou, agitando-se dum lado a outro lado com vigor, mas é impossível declarar se a corrente elétrica, passando em torno da gaiola, veio em auxílio da força que se manifestava no interior.

O acordeão foi colocado de novo dentro da gaiola, porém sem contato visível com a mão do Sr. Home. Ele retirou-a inteiramente do instrumento e colocou-a sobre a mesa, onde foi segura pela mão da pessoa que se lhe avizinhou; todos os presentes viram bem que as suas mãos estavam ali seguras.

Vimos então distintamente, e duas outras pessoas, o acordeão flutuar no interior da gaiola, sem nenhum suporte visível.

Após curto intervalo, esse fato repetiu-se. Então o Sr. Home tornou a pôr a mão na gaiola e tomou de novo o acordeão, que começou a tocar acordes e harpejos, a princípio, e depois uma doce e plangente melodia, muito conhecida, que foi executada de modo perfeito e belíssimo. Enquanto essa ária era tocada, peguei no braço do Sr. Home, acima do cotovelo, e fiz correr docemente a minha mão até que ela tocasse a parte superior do acordeão. Não se movia nenhum músculo. A outra mão do Sr. Home estava sobre a mesa, visível a todos os presentes, e os seus pés conservavam-se sob os pés daqueles que estavam ao seu lado.

Depois de havermos obtido tão notáveis resultados com o acordeão, dentro da gaiola, passamos a experimentar com o aparelho-balança já descrito.

Colocou o Sr. Home, delicadamente, a ponta dos dedos sobre a extremidade do prancha de acaju, que descansava sobre o suporte, enquanto o Dr. A. B. e eu nos mantínhamos de cada lado do aparelho, vigiando o movimento que devia produzir-se.

Quase no mesmo instante, vimos descer a agulha da balança e subir minutos depois, repetindo-se várias vezes esses movimentos como se fossem produzidos por ondas sucessivas de força psíquica. Observou-se também que o extremo da prancha oscilava lentamente de cima para baixo, durante a experiência.

O Sr. Home tomou, em seguida, por sua própria vontade, uma campainha e uma caixinha de fósforos, que se encontrava ao seu lado e colocou cada um desses objetos debaixo de cada mão para provar-nos, declarou-nos, que ele não exercia pressão alguma de cima para baixo.

As oscilações lentíssimas da balança de mola se fizeram mais acentuadas e o Dr. A. B., que vigiava o índice, disse que via descer e marcar 6 libras e meia.

O peso normal da prancha suspensa na balança era de 3 libras; a carga adicional era, portanto, de 3 libras e meia.

Olhamos o registrador automático e vimos que o índice, em dado momento, baixou até 9 libras, e indicava também um peso máximo de 6 libras, sendo o peso normal da tábua, de 3 libras.

Com o fim de assegurar-me se era possível produzir um efeito semelhante em uma balança elástica, por uma pressão exercida do lugar em que o Sr. Home tinha posto os dedos, subi na mesa e me mantive sobre um pé, na extremidade da prancha de acaju.

O Dr. A. B. que observava o índice da balança declarou que o peso do meu corpo (140 libras), assim colocado, não tinha feito baixar o índice senão de 1 libra e meia a 2 libras, por pressões sucessivas que eu exercia saltando.

O Sr. Home estava sentado numa poltrona baixa e não podia, portanto, mesmo empregando toda a força de que era capaz, exercer influência material alguma sobre os resultados que obtive.

Tenho apenas a acrescentar que os seus pés, tanto quanto as mãos, eram, atentamente, vigiados por todas as pessoas presentes.

Essa experiência pareceu-me mais impressionante do que a do acordeão.

Como se verificará pela gravura que ilustra o artigo, a prancha estava perfeitamente horizontal e é preciso notar que o Sr. Home não avançou nunca os seus dedos a mais de uma polegada e meia da borda daquela como indicava uma marca que eu havia feito, com o assentimento do Dr. A. B.

Pois bem, não tendo o suporte de madeira mais do que uma polegada e meia de largura e estando apertado contra a mesa, nenhuma pressão exercida sobre esse espaço poderia produzir a menor ação sobre a balança.

Demais, é igualmente evidente que, quando a extremidade da tábua mais afastada do Sr. Home, baixava, o lado oposto da prancha girava

sobre o suporte como sobre um ponto de apoio. Esta disposição era a duma alavanca de 36 polegadas de comprimento, cujo ponto de apoio se achava a uma polegada e meia dum dos lados, de maneira que, se o Sr. Home houvesse exercido pressão de cima para baixo haveria estado esta em oposição à força que levava a descer a outra extremidade da prancha.

A ligeira pressão indicada pela balança provinha, provavelmente, do fato de meu pé ter avançado além do seu ponto de apoio.

A singela exposição que acabo de fazer desses fatos foi extraída de notas tomados no momento em que eles se produziram. Na verdade, se, por pouco que fosse, eu houvesse exagerado alguma coisa, teria sido em prejuízo do meu propósito de provocar o exame científico desses fenômenos, porque, ainda que o Dr. A. B. esteja, na narração, representado por iniciais impessoais, estas letras significam para mim uma potência no mundo científico, o qual se levantaria contra mim se eu houvesse feito um relato pouco fiel dos fatos produzidos.

Confesso que me surpreende e me aflige a timidez e a apatia que, sobre este assunto, demonstram os homens de ciência.

Há pouco tempo, quando se me apresentou, pela primeira vez, o ensejo de investigar, pedi a colaboração de alguns sábios, amigos meus, para emprendermos um estudo sistemático, porém, desde logo verifiquei que não podia conseguir a formação duma comissão de investigadores desta categoria de fenômenos e que devia contar, unicamente, com os meus próprios esforços, secundado, de vez em quando, por um pequeno número de amigos, sábios e letrados, que queriam ajudar-me. Ainda agora, penso que seria muito tal comissão se compusesse de pessoas conhecidas, que consentissem, francamente e sem preconceitos, em pôr-se em relação com o Sr. Home e me consideraria feliz em contribuir para a formação da dita comissão, porém as dificuldades são enormes.

Há alguns meses, uma comissão de sábios de São Petersburgo realizou uma única sessão com o Sr. Home; os resultados foram negativos e eles publicaram um relato inteiramente desfavorável àquele senhor. A explicação desse fracasso, do qual todos o acusaram, parece-me simplicíssima.

O poder do Sr. Home é, com efeito, muito variável em sua natureza e ainda, às vezes, falha por completo. A experiência feita na Rússia realizou-se num momento em que essa força era diminuta. O mesmo ocorreu, freqüentemente, nas minhas experiências. Numa reunião de cientistas, que foram à minha casa para ver o Sr. Home trabalhar, os resultados foram negativos, como em São Petersburgo; não obstante, em lugar de abandonar as pesquisas, repetimos, pacientemente, a experiência pela segunda e terceira vez, até que obtivéssemos resultados positivos.

Estas conclusões não foram admitidas prematuramente e sem provas suficientes. Ainda que o espaço apenas me permita dar detalhes de uma única experiência, deve considerar-se que algum tempo antes, havia eu feito experiências com semelhantes resultados. A reunião, de que anteriormente falei, foi realizada com objetivo de confirmar observações anteriores por meio de provas decisivas, com aparelho disposto cuidadosamente e em presença de testemunhas irrecusáveis. Seria erro imaginar a mais vaga hipótese sobre a causa determinante desses fenômenos, a natureza da força (para qual propus dar o nome de psíquica a fim de evitar uma perífrase) e a correlação que existe entre ela e as demais forças da natureza.

E dever de quem empreender investigações, tão unicamente ligadas a condições anormais de fisiologia e de psicologia, não emitir teoria alguma antes de haver reunido suficiente número de fatos, para constituir uma base sólida em que possam apoiar os seus argumentos.

Em presença de fenômenos estranhos, ainda desconhecidos e inexplicados, que se sucedem tão rapidamente, confesso que é difícil

evitar, quando deles se fala, o revesti-los duma linguagem sensacional.

Mas, para que este gênero de investigações obtenha resultado, é mister sejam empreendidos pelo físico, sem preconceito e sem paixão, afastando ele toda a idéia novelesca e supersticiosa, com espírito tão frio e impassível quanto os instrumentos de que se serve.

Desde que se convença, por si mesmo, de que está às portas de uma verdade nova, deve ater-se unicamente ao seu fim e buscá-lo com ardor, sem que o preocupe saber se os fatos que se sucedem ante os seus olhos são "naturalmente possíveis ou impossíveis".

A reputação do ilustre sábio que experimentou estes fenômenos e escreveu este artigo coloca-o ao abrigo de toda a suspeita.

Todavia, para demonstrar até que ponto estas experiências foram concludentes e excludentes e excludoras de toda a possibilidade de fraude, colhemos na *Psychologie experimentale*, do Dr. Puel, duas cartas-testemunhas, escritas a William Crookes pelo Sr. William Huggins, astrônomo, membro da Sociedade Real de Londres, cuja reputação é européia, e pelo Sr. Ed. W. Cox, um dos jurisconsultos mais estimados da Inglaterra.

Ambos assistiram às sessões no escopo de fiscalizá-las.

Carta do Sr. W. Huggins ao Sr. W. Crookes

Upper Tulse Hill, S.W. — 9 de Junho de 1871.

Ilmo. Sr. William Crookes, Membro da Sociedade Real (William Crookes, Esq., F. R. S.)

Prezado Senhor:

A memória, que V. S.a publicou, parece-me a exposição fiel do que, na minha presença, se verificou na sua casa.

A minha posição, na mesa, não me permitia ver a mão do Sr. Home afastada do acordeão, mas somente esse fato foi estabelecido

naquele momento por V. S.^a e pela pessoa sentada do outro lado do referido Sr.

Essas experiências parecem demonstrar que seria importante fazerem-se novas pesquisas, mas desejo deixar bem entendido que não exprimo opinião alguma quanto à causa do fenômeno que ocorreu.

Sou, etc.

De V. S.^a
William Huggins

Carta do Sr. Ed. W. Cox ao Sr. W. Crookes — 36, Russel Square, 8 de Junho de 1871.

Ilmo. Sr. William Crookes, Membro da Sociedade Real — (William Crookes, Esq., F. R. S.)

Prezado Senhor:

Tendo assistido, com o escopo de fiscalizá-las cientificamente, as provas experimentais relatadas no Quarterly Journal of Science, apresso-me em testemunhar a perfeita exatidão da sua descrição, assim como o cuidado e as precauções de que as diversas provas decisivas foram rodeadas.

Os resultados obtidos parecem estabelecer, de maneira concludente, um fato, importante: a existência duma força procedente do sistema nervoso, capaz de imprimir movimentos a corpos sólidos e de aumentar-lhes o peso, na esfera da sua influência.

Observei que a dita força se manifestava por pulsações bruscas, não sob a forma duma pressão contínua e seguida, porque o índice subia e baixava incessantemente durante a experiência.

Esse fato me parece ter grande significação, porque tende a confirmar a opinião que faz emanar essa força do sistema nervoso e contribui para apoiar a importante descoberta feita pelo Dr.

Richardson de que uma atmosfera nervosa, de intensidade variável, envolve o corpo humano.

As experiências de V. S.^a confirmam, plenamente, a conclusão a que chegaram os membros da comissão de investigações da Sociedade Dialética, após mais de quarenta sessões de experiências rigorosas e decisivas.

Permita-me V. S.^a acrescentar que nada, na minha opinião, tende a provar que esta força seja diferente duma força que procedesse ou dependesse diretamente da organização humana e que, por conseqüência, como as demais forças da Natureza, pertencesse a investigação estritamente científica à qual V. S.^a a submeteu pela primeira vez.

A Psicologia é um ramo científico, quase inteiramente inexplorado até hoje e a essa negligência se deve, provavelmente, o fato, na aparência estranho, de que uma força nervosa, com existência real, tenha permanecido tanto tempo sem ser submetida a provas experimentais, sem ser examinada e mesmo sem ser reconhecida.

Agora que está provada por experiências mecânicas a sua existência na Natureza (e, partindo deste princípio, não se poderia deixar de exagerar-lhe a importância para a fisiologia, e a luz que pode jorrar sobre leis obscuras da vida, do espírito e da ciência médica) a sua discussão, o seu exame imediato e sério só podem ser feitos por fisiologistas e por todos aqueles que temam a peito o conhecimento do "homem", conhecimento esse denominado com razão, "o mais belo estudo do espírito humano".

A fim de evitar a aparência de toda a conclusão preconcebida, eu recomendaria se adotasse para essa força um termo que lhe seja próprio e ousou sugerir se lhe denomine "força psíquica"; para as pessoas nas quais se manifesta o nome de psíquicas e para a ciência que dela tratar Psiquismo, considerado como um ramo de Psicologia.

Permita-me V. S.a que proponha a fundação duma sociedade psicológica que tenha por escopo o estudo dessa ciência, até hoje negligenciado, e favorecer-lhe o progresso por meio de experiências, escritos e pela discussão.

Sou, etc.

De V.S.^a

Edward William Cox

Como corolário desses notáveis documentos emanados, não de iluminados, mas de homens pertencentes à ciência oficial da Inglaterra, o leitor agradecerá a transcrição que fazemos do relatório duma das comissões de experimentação da Sociedade Dialética de Londres, fundada para submeter ao exame da ciência os fenômenos atribuídos por uns aos Espíritos e por outros a uma força nervosa do homem.

E às conclusões desse relatório que o jurisconsulto Cox faz alusão na carta precedente.

Relatório da Comissão da Sociedade Dialética de Londres sobre o Espiritismo — Informes das Subcomissões de Experiências Sub comissão n.º 1 (Report on Spiritualism, etc., págs. 7 a 13).

"Desde a sua criação, isto é, desde o dia 16 de fevereiro de 1869, a nossa Comissão realizou quarenta sessões com o fim de fazer experiências e provas rigorosas.

Todas essas reuniões se efetuaram nas residências particulares dos membros da Comissão, a fim de excluir toda a possibilidade de maquinismos previamente dispostos ou qualquer artifício. A mobília dos compartimentos nos quais se fizeram experiências foi, em todas as circunstâncias, a sua mobília de costume.

As mesas empregadas foram sempre às mesas de jantar, pesadas, que necessitavam de considerável esforço para serem postas em movimento.

A menor tinha 5 pés e 9 polegadas de comprimento sobre 4 pés de largura, e a maior, 9 pés e 3 polegadas de comprimento sobre 4 e 1/2 pés de largura; o seu peso era nessa mesma proporção.

Antes de começarem os fenômenos, os aposentos, as mesas e todos os móveis em geral foram cuidadosamente examinados repetidas vezes, a fim de se ter plena certeza de que não existia nenhum ardiloso instrumento ou aparelho qualquer com o auxílio dos quais os sons e os movimentos, adiante mencionados, pudessem ser produzidos.

As experiências foram feitas à luz do gás, exceto em algumas ocasiões, especialmente salientadas no relatório.

Evitamos servir-nos de médiuns profissionais ou médiuns pagos.

O nosso médium era um dos membros da Comissão, pessoa colocada em boa posição social e duma integridade perfeita, não tendo, portanto, nenhum objetivo pecuniário em vista e mesmo nenhum proveito a tirar duma fraude. Realizamos também algumas reuniões, sem a presença do médium (fica bem entendido que, neste relatório, a palavra médium é simplesmente empregada para designar um indivíduo sem a presença do qual os fenômenos descritos não se efetuam ou se produzem com menos intensidade e menos freqüência), para tentar obter, por algum meio, efeitos semelhantes aos que se observam quando um médium está presente.

Por essa forma, nada foi possível obter-se de semelhante às manifestações que se produziam na presença do médium.

Cada uma das provas, que a inteligência combinada dos membros da Comissão podia imaginar, foi feita com paciência e perseverança.

As experiências foram dirigidas sob uma grande variedade de condições e todo o engenho possível foi posto em ação para inventar

meios que nos permitissem verificar as observações e desviar toda a possibilidade de impostura ou de ilusão.

Limitamo-nos aos fatos dos quais fomos coletivamente testemunhas, fatos que foram palpáveis aos sentidos e cuja realidade é suscetível duma prova demonstrativa.

Cerca de quatro quintas partes dos membros principiaram as investigações com o ceticismo mais completo, no tocante à realidade dos fenômenos anunciados e com a firme crença de que eles eram o resultado, quer da impostura, quer da ilusão quer duma ação involuntária dos músculos. Foi somente depois duma irresistível evidência, em condições que excluía essas hipóteses e em seguida a experiência e provas rigorosas muitas vezes repetidas, que os mais céticos ficaram, com o correr do tempo e a seu despeito, convencidos de que eram verdadeiros fatos os fenômenos que se produziram, enquanto durou esse prolongado inquérito.

O resultado das nossas experiências, muito tempo prosseguidas e dirigidas com cuidado, induz-nos, depois de provas analisadas sob todas as formas, a estabelecer o seguinte:

Primeiro: Em certas condições de corpo e de espírito, em que se achem uma ou mais pessoas presentes, produz-se uma força suficiente para pôr em movimento objetos pesados, sem o emprego de nenhum esforço muscular, sem contacto, nem conexão material de alguma natureza entre esses objetos e o corpo de alguma pessoa presente.

Segundo: Essa força pode fazer se produzirem sons que cada qual ouve distintamente em objetos sólidos, que não têm nenhum contacto entre si, nem conexão visível ou material com o corpo de alguma pessoa; está, portanto, provado que esses sons provêm desses objetos por vibrações que são perfeitamente distintas ao tato.

Terceiro: Essa força é, freqüentemente, dirigida com inteligência.

Alguns desses fenômenos se produziram em trinta e quatro sessões das quarenta que realizamos. A descrição duma dessas sessões e a maneira pela qual foi dirigida, melhor mostrará o cuidado e a circunspeção com que prosseguimos as investigações.

Quando havia contacto ou possibilidade de contacto pelas mãos, pelos pés e pelas vestes, duma das pessoas que estavam no quarto, com o objeto em movimento ou emitindo sons, podia-se ficar perfeitamente certo de que esses movimentos ou sons não eram produzidos pela pessoa que ali estava.

Fizemos a seguinte experiência: Onze membros da Comissão sentaram-se, durante quarenta minutos, em torno duma das mesas da sala de jantar, precedentemente descritas, e, quando se produziram movimentos e sons variados, voltaram (com o fim duma mais rigorosa investigação) o espaldar das cadeiras para a mesa, cerca de 9 polegadas deste; depois, ajoelharam-se sobre as cadeiras, colocando os braços sobre o espaldar delas.

Nesta posição, os seus pés estavam necessariamente virados para trás, longe da mesa, e, por conseqüência, não podiam ser colocados por baixo nem tocar no assoalho. As mãos de cada um estavam estendidas por cima da mesa, cerca de 4 polegadas da sua superfície. Nenhum contacto com toda parte qualquer da mesa podia, conseguintemente, operar-se sem que se observasse.

Em menos dum minuto, a mesa, sem ter sido tocada, deslocou-se quatro vezes: a primeira vez cerca de 5 polegadas de lado; depois, 12 polegadas para o lado oposto e, em segunda, deslocou-se 4 e 6 polegadas.

As mãos de todas as pessoas presentes foram então postas sobre o espaldar das cadeiras, a um pé, mais ou menos, distante da mesa, a qual foi, como antes, posta em movimento, com uma deslocação variando entre 4 e 6 polegadas.

Enfim, todas as cadeiras foram afastadas da mesa na distância de 12 polegadas e cada uma das pessoas ajoelhou-se sobre a sua cadeira, como precedentemente, mas desta vez tendo as mãos atrás das costas e, por conseqüência, com o corpo colocado pouco mais ou menos a 18 polegadas da mesa, achando-se assim o espaldar da cadeira entre o experimentador e a mesa.

Esta deslocou-se quatro vezes, em várias direções.

Durante essa experiência decisiva e em menos de meia hora, a mesa moveu-se treze vezes sem contacto ou possibilidade de contacto com alguma pessoa presente, efetuando-se os movimentos em direções diferentes e alguns destes respondendo a perguntas de diversos membros da Comissão.

Examinou-se a mesa, virando-a para cima e para baixo, peça por peça, porém nada se descobriu que pudesse elucidar os fenômenos. A experimentação se fez em plena luz do gás, colocada por cima da mesa.

Em resumo, a Comissão foi testemunha, mais de cinquenta vezes, de semelhantes movimentos sem contacto, em oito sessões diferentes e nas casas dos seus membros; as provas foram as mais concludentes.

Em todas essas experiências, a hipótese de um movimento mecânico, ou outra qualquer, foi completamente banida, pelo fato de serem os movimentos realizados em várias direções, ora para um lado, ora para outro, quer subindo no aposento, quer descendo; movimentos esses que teriam exigido a cooperação de um grande número de mãos e de pés, e que, devido ao volume considerável e ao peso das mesas, não poderia produzir-se sem o emprego visível de um esforço muscular.

Todas as mãos e todos os pés estavam perfeitamente à vista e nenhum deles poderia mover-se sem que imediatamente fosse percebido. A hipótese duma ilusão também foi posta de lado.

Os movimentos operaram-se em diferentes direções, e foram simultaneamente testemunhados por todas as pessoas presentes.

Existe nisto uma questão de fato e não de opinião ou de imaginação.

Esses movimentos reproduziram-se tantas vezes, em condições tão numerosas, tão diversas, com tantas garantias contra o erro ou contra a fraude e com resultados tão invariáveis, que os membros da Comissão que tentaram tais experiências, depois de terem sido, anteriormente, na maior parte cétricos, convenceram-se de que existe uma força capaz de mover corpos pesados sem contacto material, força essa que depende, de um modo desconhecido, da presença de seres humanos.

A Comissão não pôde coletivamente certificar-se a respeito da natureza e da origem dessa força, mas adquiriu a prova da realidade de sua existência.

A Comissão pensa que não existe fundamento na crença de que a presença de pessoas cétricas contraria a produção ou a ação dessa força.

Em resumo, a Comissão Unicamente exprime a opinião de que a existência dum fato físico importante acha-se assim demonstrado, a saber: que movimentos podem produzir-se em corpos sólidos, sem contacto material, por uma força desconhecida até o presente, agindo a uma distância indeterminada do organismo humano e completamente independente da ação muscular, força essa que deve ser submetida a um exame científico mais aprofundado, no intuito de conhecer-se a sua verdadeira origem, a sua natureza e a sua potência".

Assim, essa força que eu imaginara, em 1866, para explicar fenômeno que se produziram diante de mim, na Índia, não podendo nem querendo admitir o sobrenatural... (10), físicos, astrônomos, naturalistas, membros da Sociedade Real de Londres, Sociedade que

reuniu a nata dos sábios da Inglaterra, como a nossa Academia de Ciências na França, homens considerados e conhecidos em todo o mundo através dos seus trabalhos, reconheceram-na, por sua vez, não criando, como eu, uma hipótese por necessidade de explicação, mas sustentando após dois anos de experiências:

(10) Os espíritas também não admitem o sobrenatural. Para eles, o Universo se rege por leis eternas, imutáveis e naturais. (N. do T.)

1 — Que existe uma força capaz de mover corpos pesados, sem contacto material, força que, de modo ignorado, depende da presença de seres humanos;

2.º — Que não se pôde obter certeza relativamente à natureza e origem dessa força, porém que se adquiriu a prova da sua existência;

3.º — Que essa força, até hoje desconhecida, agindo a distância indefinida do organismo humano e completamente independente da ação muscular, pode produzir movimentos em corpos sólidos, sem contacto material.

4.º — Que essa força pode fazer nascerem sons, que todos ouvem claramente, de objetos sólidos que não têm nenhum contacto ou conexão visível ou material com o corpo de qualquer pessoa presente, estando provado que os ditos sons provêm de objetos por vibrações que são perfeitamente perceptíveis pelo tato;

5.º — Que essa força é, freqüentemente, dirigido com inteligência, E essa a força, conhecida há milhares de anos, que os sacerdotes hindus se aplicaram em desenvolver em pessoas que a isso se prestassem e as quais, em seguida, com o intuito de domínio religioso, atribuíram a manifestações de Espíritos superiores?

Sem formular opinião alguma quanto à sua natureza e origem, inclinamo-nos a crê-lo, porém não foi com o objetivo de elucidar a questão por uma discussão contraditória que fizemos um sumário dos trabalhos que sábios ingleses redigiram sobre a matéria.

A nossa intenção foi simplesmente a de provar que a ciência oficial inglesa reconheceu a existência duma força independente da ação muscular, a qual faz mover corpos, produz sons às vezes harmoniosos, como nas sessões de Crookes com Home, freqüentemente dirigidas com inteligência, e estabelecer, em conclusão, a semelhança existente entre fatos observados na Inglaterra e na Índia, e a identidade das leis que regem esses fatos tanto num como noutro país.

Se alguns dos fenômenos observados na Índia parecem mais maravilhosos do que os acontecidos na Inglaterra (e me refiro a estes pela consagração científica que obteve), poder-se-iam apresentar as duas seguintes razões:

E' possível que os hindus, à força real que possuem, acrescentem uma habilidade tão grande que não seja fácil surpreendê-los em flagrante delito de fraude.

Também é possível que, estando de posse dessa força especial há vários milhares de anos, lhes tenham descoberto as leis, as quais as comissões de ingleses, ainda que comprovassem a existência dessa força, não puderam formular.

Inferir-se-ia daí que a descoberta dessas leis teria acentuado um progresso mais notável na produção dos fenômenos. Sob os benefícios dessas observações e sem garantir a sua realidade científica, vamos continuar a narração das estranhas manifestações que os brâmanes atribuem aos Espíritos superiores e que não separam da fé religiosa.

Continuaremos a indicar as tentativas que realizamos, na medida do possível, para fiscalizá-las.

Estas narrativas foram extraídas, como já o dissemos, das nossas notas de viagem pela Alta-Bengala e pelos vales do Himalaia.

Não fizemos mais do que encurtar as partes descritivas e suprimir fatos sem importância, de natureza pessoal.

V

O vaso de bronze — pancadas compassadas acompanhando um fragmento musical

"Em presença de fenômenos estranhos, ainda desconhecidos e inexplicáveis, que se sucedem tão rapidamente, diz o sábio Crookes, confesso que é difícil evitar, quando deles se fala, o revesti-los duma linguagem sensacional".

Se estes fenômenos estão enquadrados pela incomparável luz do sol dos trópicos e os esplendores da paisagem hindu é ainda mais fácil incorrer no defeito que assinala o eminente químico da Sociedade Real de Londres. Cremos que é possível, entretanto, não aumentar, ainda com palavras, o maravilhoso que já se encontra nos fatos, dando de cada fenômeno uma descrição tão simples quanto exata.

Não renovamos as séries de estudos sobre um fato especial, do qual demos conta no capítulo precedente, porém jamais perdemos a ocasião, durante a nossa longa estadia nas possessões francesas da Índia e nas nossas diferentes viagens através deste imenso país, de observar, com atenção, todas as manifestações que se referiam ao nosso assunto.

A 3 de janeiro de 1866, parti de Chandernagor num dingui, espécie de embarcação do país, provida dum pequeno camarote; quinze dias depois cheguei a Benarés, a cidade santa.

Acompanhavam-me dois criados indígenas, um cansama ou criado de quarto, e um metor, encarregado de preparar-me as refeições.

A minha embarcação era tripulada por um cercar ou chefe bateleiro, e seis macuas ou remeiros da casta dos pescadores.

Atracamos nas escadas do Gath, não longe do célebre pagode de Siva, pouco antes do pôr do sol. Não existem palavras com que possa

descrever o espetáculo que se me deparou aos olhos. Poucas cidades, entre as mais belas, diz E. Roberts, possuem o grandioso aspecto de Benarés.

Quando o viajante, curioso por observar, sobe o Ganges, o que lhe anuncia a proximidade da grande cidade são elevados minaretes, cujas torres, dominando densas massas de palácios, aparecem disseminadas em aparente e pitoresca desordem ao longo das margens onduladas do rio, numa extensão de cerca de duas léguas.

É impossível ficar-se insensível ante o magnífico panorama que oferecem estes templos, estas torres, estas longas arcadas sustentadas por colunas, estes cais, estes terraços guarnecidos de balaustradas, que se desenham em relevo e se misturam como folhagem luxuriante dos baobabs, dos tamarindeiros e bananeiras e que, cobertos aqui e ali de verdadeiros ramos de flores de variados matizes, se mostram entre os edifícios adornados de profusas esculturas, elevando-se, majestosamente, por cima de jardins floridos, colocados no meio destes espaçosos pátios.

A ausência de todo o pano regular, a mistura do austero e do solene com o ligeiro e o fantástico, dão uma aparência bizarra a algumas partes do cenário, porém o efeito do conjunto é magnífico e a maior parte dos detalhes são duma beleza indescritível.

Os gaths, espécie dos monumentos compostos de quatro colunas unidas entre si por uma cornija única e colocados no alto das gigantescas escadarias que banham os seus últimos degraus nas águas do Ganges, são os únicos cais que possuem esta velha cidade, a antiga Kassy dos rajás da primeira raça. Desde que sai até que se põe o sol, estão esses cais cheios de coolis que carregam e descarregam as pequenas embarcações que sulcam o tanges em todas as direções, trazendo a este mercado da Alta-Bengala todas as mercadorias da Índia e da Ásia.

No momento em que ordenava ao cercar que dirigisse a embarcação para o gath de Siva, encheu-me de assombro ver que hindus e muçulmanos, tão profundamente divididos por ódios seculares, no sul da Índia, onde os últimos estão em ínfima minoria, faziam juntas as suas abluções aos pés do gath de Benarés. Ainda que os sequazes do profeta tenham sempre perseguido a ferro e a fogo ao que chamam idolatria, até o reinado de Aurengzeb respeitaram a cidade sagrada dos vencidos, que lhes inspirava misterioso temor.

Os brâmanes pretendiam que Benarés havia sido edificada por Siva para servir de aviso aos homens justos quando o mal e a dor invadissem a terra e que ela não experimentaria jamais nenhuma das vicissitudes que atingem as cousas deste mundo. Para humilhar o seu orgulho, Aurengzeb mandou derrubar um dos pagodes mais antigos e venerados, elevando no seu lugar a esplêndida mesquita que leva o seu nome e cujas agudas flechas, revestidas de lâminas de ouro, anunciam aos viajantes a cidade antes que possam percebê-la.

Atualmente, muitos templos muçulmanos se elevam ao lado dos pagodes indianos e os brâmanes vêm, sem poder opor-se, porém com um horror que mal dissimulam, correr sangue de vítimas para os sacrifícios ou a alimentação, na cidade santa onde nem sequer o sangue dum animal correrá até a invasão dos mongóis.

Apesar do vandalismo que destruiu alguns dos mais antigos e belos monumentos da Índia e ainda que nas demais regiões submetidas às suas leis não tenham os muçulmanos recuado diante de nada para converter os hindus à fé do Profeta, os soberanos mongóis usaram sempre, em Benarés, da mais ampla tolerância para com as crenças, usos e costumes dos vencidos.

Por isto, sem dúvida, são melhores as relações entre as duas nações nesta parte de Bengala. Na verdade, até aquele dia eu não tinha crido que indianos e muçulmanos consentissem em fazer as suas abluções

religiosas no mesmo lugar. No sul da Índia, se um muçulmano se banhasse num tanque sagrado dum pagode seria imolado no ato.

Tinha intenção de permanecer dois meses em Benarés, tempo nada exagerado para os estudos que pensava fazer sobre as antiguidades do país, porém demasiado longo para que me acomodasse num hotel, por isto resolvi alugar uma casa e instalar-me. Estar na sua casa, no Oriente e em todo o Extremo Oriente, é uma das primeiras condições de vida.

Ia enviar o meu cansama à procura de casa, quando o Peishwha, príncipe márata retirado em Benarés, com o qual fiz conhecimento na casa do rajá de Chandernagor, sabendo da minha chegada, me fez oferecer um apartamento no magnífico palácio de sete andares que possui as margens do Ganges, à esquerda da célebre mesquita de Aurengzeb.

Não é raro que príncipes e rajás do Hindustão, ainda que habitando distritos muito afastados de Benarés, façam edificar nesta cidade vivendas que lhes sirvam de retiro durante os dias das suas festas particulares, ou quando cansados do mundo desejam acabar os seus dias segundo a lei de Manu, na prática de devoções austeras. Conforme a crença religiosa, aqueles que morrem na cidade sagrada acabaram com as reencarnações sucessivas e as suas almas sobem imediatamente para Brama e se absorvem na grande Alma. Vêm-se chegar, diariamente, de todos os pontos da Índia, numerosos peregrinos que vão orar, seja pela sua própria conta, seja pela de ricos particulares que lhes pagam, nas margens do rio sagrado, cujas águas têm mais virtudes que em parte alguma aos pés da cidade santa.

Tanto assim é que levam em saquinhos, recolhidos depois da cremação, os ossos dos rajás ou de qualquer outro grande personagem que podem pagar a viagem, com a missão de lançá-los no rio.

A suprema esperança do hindu é a de morrer às margens do Ganges ou fazer transportar a ele os seus restos mortais.

Devi a esta última crença conhecer, durante a minha estada em Benarés, o faquir mais extraordinário que talvez encontrei em toda a Índia.

Vinha de Trivanderam, perto do cabo Comorim, e havia sido encarregado de transportar os restos fúnebres dum rico malabar da casta dos cummutys (comerciantes). O Peishwa, cuja família era originária do Sul, tinha o costume de dar hospedagem nas dependências do seu palácio aos peregrinos de Travencor, de Maissur, de Tandior e do antigo país márata, e o fez alojar numa pequena cabana, às margens do rio, onde devia durante vinte e um dias fazer as suas abluções, de manhã e a tarde, em honra do morto.

Há quinze dias que havia chegado, quando soube da sua presença em Benarés. Chamava-se Covindasamy.

Depois de haver-me assegurado da sua boa vontade, fi-lo conduzir ao meu apartamento, certa vez, ao meio dia, no momento em que, devido ao calor, todos os moradores do palácio faziam a sesta.

O quarto em que o recebi dava para um terraço, com vistas para o Ganges, e era protegido dos ardores do sol por um toldo móvel, de fibras vegetais.

No meio do terraço, havia um repuxo que, caindo em chuva finíssima sobre um recipiente de mármore, espalhava ao seu redor uma frescura verdadeiramente deliciosa.

Perguntei ao faquir se desejava colocar-se num lugar determinado.

— Estou às tuas ordens, respondeu.

Convidei-o a passar ao terraço que, mais vivamente iluminado que o quarto, tornaria mais fácil uma fiscalização.

— Posso fazer-te uma pergunta? disse-lhe, logo que o vi sentado no chão.

— Fala — respondeu o faquir.

— Sabes se uma força qualquer se desenvolve em ti quando produzes os teus fenômenos? Não sentiste nunca produzir-se no teu cérebro ou nos teus músculos uma modificação qualquer?

— A força que opera não é uma força natural; não sou mais do que um instrumento: evoco as almas dos antepassados e são elas que manifestam o seu poder.

Interroguei uma porção de faquires sobre o mesmo assunto e todos me deram a mesma resposta; apenas se consideram como intermediários entre este mundo e os invisíveis.

Tendo verificado mais uma vez esta crença, não insisti e deixei que Covindasamy desse começo à série de fenômenos que iria produzir.

O faquir já havia estendido as mãos na direção dum enorme vaso de bronze cheio d'água... Apenas cinco minutos haviam transcorrido, quando o vaso começou a oscilar sobre a sua base e a se aproximar insensivelmente, e sem sacudidelas aparentes, do faquir encantador.

À medida que a distância diminuía, sons metálicos partiam do vaso como se lhe batessem com uma varinha de ferro. Em dado momento, as pancadas se tornaram tão numerosas e tão rápidas que se assemelhavam à queda de granizo num telhado de zinco.

Pedi a Covindasamy que me permitisse dirigir a operação, no que consentiu imediatamente. O vaso, sempre sob a sua influência, avançou, recuou e permaneceu imóvel, obedecendo aos meus desejos.

Tão pronto, a uma ordem minha, as pancadas soavam sem interrupção, para logo ao contrário, com lentidão e regularidade, imitarem as batidas por um relógio. Pedi então que soasse apenas uma pancada cada dez segundos, coisa que executou, seguindo eu no meu cronômetro a marcha dos ponteiros.

Dez pancadas secas e sonoras se fizeram ouvir, regularmente, em cinco segundos. Sobre a mesa da sala do meu apartamento, encontrava-se uma dessas caixas de música, de que tanto gostam os

indianos e a qual, sem dúvida, o Peishwa mandara vir de Calcutá. Ordenei ao meu cansama que a levasse para o terraço e pedi que as pancadas dadas no vaso de bronze o fossem de modo a acompanhar a ária que o instrumento ia tocar.

Dei corda no instrumento de música e o pus em marcha sem preocupar-me com a peça que ia tocar. Tocou, como um turbilhão, de maneira exagerada, as notas frescas e rápidas da valsa de "Robin dos Bosques".

No vaso de bronze, golpes secos e apressados acompanhavam a cadência com a regularidade da batuta dum diretor de orquestra.

Terminada esta ária, fiz tocar a marcha do "Profeta", moderando as pancadas a sua rapidez e seguindo fielmente o compasso.

E tudo isto se fazia sem aparato, sem solenidade, sem mistério, num terraço de alguns metros quadrados.

Sem água, o vaso de bronze apenas podiam movê-lo dois homens; vazio e colocado de maneira a receber a chuva do repuxo, servia para as abluções da manhã que, na Índia, valem por um verdadeiro banho.

Qual era a força que dirigia esta pesada massa? Repeti, de novo, estas diversas experiências; elas se reproduziram com a mesma ordem e a mesma regularidade.

O faquir, que não havia deixado o seu lugar, nem mudado de posição, levantou-se então e apoiou a ponta dos dedos na borda do vaso, o qual em poucos instantes começou a se balançar em cadência da direita para a esquerda, aumentando gradualmente a sua velocidade, sem que o seu pé, que se deslocava alternativamente, de cada lado, produzisse o menor ruído no estuque do chão. Mas o que mais me espantou foi a água permanecer imóvel no vaso, como se uma forte pressão se opusesse a que ela recobrasse o seu centro de gravidade que os movimentos do recipiente lhe fizeram perder.

Três vezes durante estes balanços, o vaso se levantou, por completo, umas sete a oito polegadas do solo, e, quando saiu, não produziu choque apreciável.

Havia várias horas que eu estava sob esta magia, tomando notas, observando, fazendo repetir cada fenômeno com matizes diferentes, quando o sol, que começava a baixar no horizonte, veio advertir-nos que era hora de eu começar as minhas excursões através dos velhos monumentos e das ruínas da antiga Kassy, centro do poder religioso dos brâmanes, quando, depois das suas lutas com os rajás, perderam o poder temporal... e tempo já para o faquir ir ao tempo de Siva preparar-se, com as preces do ritual, para as abluções e cerimônias funerárias que devia executar cada noite às margens do rio sagrado. Ao despedir-se, prometeu-me o faquir voltar todos os dias, à mesma hora, durante todo o tempo que permanecesse em Benarés.

O pobre diabo se considerava muito feliz por ter-me encontrado; eu havia habitado, longos anos, o sul da Índia e falava a doce e sonora língua do país de Dravida (o tamul), que não se ouvia em Benarés. Ele podia então falar deste maravilhoso país, cheio de ruínas antigas, de velhos pagodes sombreados por uma vegetação sem igual, e de manuscritos gravados a buril, séculos antes do limo do Nilo unir o Baixo-Egito às planícies de Mênfis e de Tebas.

VI

Movimento d'água — o bastão mágico

Covindasamy foi pontual ao encontro marcado

Estava eu ocupado em admirar as cataratas de luz que o sol despejava sobre as águas do Ganges, quando o faquir, levantando uma das cortinas que nos ocultava a porta de entrada da varanda, se aproximou de mim e se sentou sobre os calcanhares, à moda hindu.

— Saïam déré (bons dias, senhor), disse-me ele na sua língua materna.

— Saïam tambi (bons dias, camarada), respondi-lhe no mesmo idioma. Vale o arroz de Bengala o de Tandjaor?

— O arroz que eu como no palácio do Peishwa em Benarés não vale as raízes que eu colho ao redor da minha paillote, em Trivanderam.

— Que te falta aqui? Os grãos de carry não são tão puros nas margens do Ganges quanto na costa malabar?

— Escuta: aqui não nasce o mamoeiro, a água do rio sagrado não pode substituir a água salgada. Sou um homem da costa assim como ele é uma árvore da costa e nós morremos ambos quando nos afastam do oceano.

Uma brisa leve, vinda do sul, quente como eflúvios de vapor, passava então em rajadas sobre a cidade adormecida no calor. Os olhos do faquir se animaram.

— E o vento de meu país. Não o sentes? Todos os seus perfumes estão saturados de recordações...

Permaneceu largo tempo, de cócoras, sonhando, sem dúvida, com os grandes bosques sombrios da costa malabar, onde havia decorrido a sua infância, e os misteriosos subterrâneos do pagode de

Trivaderam, nos quais os brâmanes o instruíram na arte das evocações.

De repente, levantou-se e, aproximando-se do vaso de bronze que lhe tinha servido na véspera para manifestar a sua força, impôs as mãos sobre a superfície d'água que o enchia até as bordas, porém sem tocá-la e permaneceu imóvel. Aproximei-me sem pensar ainda que fenômenos queria ele produzir. Não sei se o seu poder se manifestava com mais trabalho naquele dia, porém o certo é que se passou uma hora sem que nada, nem no vaso, nem na água, correspondesse à ação do faquir.

Desesperava-me eu de que não se obtivesse um resultado qualquer, quando a água começou a agitar-se suavemente, como se uma débil brisa lhe enrugasse a superfície; pus as mãos sobre as suas bordas e recebi uma ligeira sensação de frescura que me pareceu proceder da mesma causa e uma pétala de rosa que lancei na água foi, em poucos segundos, chocar-se na borda oposta.

Não fazia o faquir movimento algum; tinha a boca fechada e, circunstância extraordinária que suprimia todo o pensamento de fraude, ligeiras ondulações d'água se formavam do lado oposto do operador e morriam, docemente, nas bordas do vaso, na sua direção.

Pouco a pouco, o movimento d'água aumentou de intensidade e acabou por se romper em todos os sentidos, como se houvesse sido submetida pelo calor a uma forte ebulição. Pedi a Covindasamy que retirasse as mãos e o movimento, sem cessar completamente, diminuiu pouco a pouco tal como acontece com o líquido fervente, quando se lhe afasta o recipiente do fogo.

Ao contrário, cada vez que o faquir impunha as mãos, o movimento voltava e acentuar-se. A última parte da sessão foi a mais extraordinária.

Havendo-me pedido que lhe emprestasse um pequeno bastão, dei-lhe um lápis de madeira, sem afinar. Colocou-o na água e, em poucos

minutos, pela imposição das mãos, fê-lo mover-se em todas as direções tal qual a agulha duma bússola quando lhe aproximam uma vara de ferro.

Pôs logo depois o índex no centro do lápis, tão delicadamente que não lhe modificou a posição nágua. Vi, dentro de poucos instantes, o pedacinho de madeira afundar lentamente no líquido e tocar o fundo do vaso.

Pondo de lado a questão de habilidade e charlatanismo, que não posso afirmar nem regar completamente, ainda que, nas circunstâncias em que se produziu o fenômeno, uma fraude qualquer dificilmente me escapasse, pensei que o faquir, carregando de fluidos o lápis, tivesse talvez aumentado o seu peso específico, fazendo-o mais pesado do que a água.

Incrédulo quanto à ação dos Espíritos, em cada experiência deste gênero perguntava a mim mesmo se não estavam, ali postas, em jogo, forças naturais ainda desconhecidas.

Consigno fatos, sem mais comentários.

VII

Fenômenos de levitação - Pancadas Noturnas

A terceira visita do faquir foi curta, pois tinha de passar a noite orando nas margens do rio sagrado (o Ganges), por motivo de uma festa religiosa, um sradha fúnebre, que deveria celebrar-se no dia seguinte e para o qual recebera convite.

Fora somente dar-me conta disto e se preparava para regressar à sua choça quando, a meu pedido, consentiu em reproduzir um fenómeno de levitação, que eu vira outros faquires executarem muitas vezes, sem poder compreender os meios que empregavam.

Tomou de um bastão de pau-ferro, que eu trouxera do Ceilão, apoiou-lhe no cabo a mão direita e, com os olhos fixos em terra, pronunciou conjuros mágicos do seu ritual, de que não me dera conhecimento nas suas visitas anteriores.

Pensava eu, diante de tal encenação, que ia mais uma vez ser testemunha de um fato que sempre se me afigurará simples façanha de acrobata... Com efeito, minha razão recusava dar outro nome ao seguinte fenómeno.

Apoiado por uma das mãos no bastão, o faquir se elevou gradualmente a uns dois pés acima do solo, com as pernas cruzadas à oriental, e assim permaneceu imóvel, em posição bastante parecida com a desses budas de bronze que os excursionistas levam do Extremo Oriente sem pensarem que a maioria destas estatuazinhas procedem das oficinas de fundição de Londres (11).

(11) Os casos mais surpreendentes de que fui testemunha se produziram com o Sr. Home. Em três circunstâncias diferentes, eu o vi elevar-se completamente para cima do teto do quarto. (William. Crookes — Researches in to the Phenomena of Spiritualism). (N. do T.)

Durante mais de vinte minutos, procurei compreender como podia Covindasamy burlar todas as leis conhecidas do equilíbrio. Não o consegui; nenhum suporte visível o prendia ao bastão que não estava em contacto com seu corpo mais do que pela palma de sua mão direita.

Ao despedir-se de mim, disse-me Covindasamy que, no momento em que os elefantes sagrados anunciassem a meia noite, batendo nos gongos de cobre do pagode de Siva, ele evocaria os Espíritos familiares dos franguys (franceses) e que esses Espíritos manifestariam a sua presença em minha própria alcova.

Os hindus se entendem, admiravelmente, entre si e, para prevenir-me contra qualquer trapaça, mandei um dos meus criados passar a noite na embarcação com o barqueiro e os remadores.

Pouca propensão tinha eu para acreditar no sobrenatural, porém, não obstante, se o fato se produzisse, não queria ser vítima de fraude vulgar. Ao mesmo tempo, preparei-me para criar ao faquir verdadeiras dificuldades.

O palácio do Peishwa fora construído de modo singular. Apenas tem janelas na parte do rio e conta sete grandes andares, cujas habitações dão todas para galerias cobertos e terraços, que avançam sobre o cais. A forma adotada para comunicar os andares entre si é curiosíssima.

Um só lanço de escada conduz do andar mais baixo ao superior; chegando a este e atravessando-o, a pessoa dá, num último compartimento, com um segundo lanço sem comunicação com o primeiro, o qual dá acesso ao andar de cima e assim sucessivamente até o sétimo onde se chega por um lanço móvel, que se pode levantar, como uma ponte levadiça, por meio de correntes.

Esse sétimo andar, cujo mobiliário não era oriental nem europeu, donde se gozava do ar mais fresco e da vista mais bela, era o que o Peishwa cedia aos seus visitantes estrangeiros. Apenas caiu à noite,

visitei, minuciosamente, as diferentes peças do meu apartamento, assegurando-me de que ninguém se havia ocultado nele; levantei a ponte levadiça e cortei assim toda comunicação com o exterior. À hera que havia indicado o faquir, pareceu-me ouvir duas pancadas dadas claramente na própria parede da minha habitação; dirigi-me para o ponto. donde se me afigurara partirem os ruídos, quando uma pancada seca no quebra-luz, que protegia dos mosquitos e mariposas, a lâmpada suspensa, me fez voltar atrás; outros rumores ouvi a intervalos desiguais, nas vigas de cedro do teto; depois, tudo ficou em silêncio (12). Encaminhei-me para o terraço. Era uma dessas noites prateadas, desconhecidas em nossas regiões; o rio sagrado deslizava silenciosamente aos pés da cidade adormecida.

(12) Das "pancadas" de Hysdesville, nasceu a história do moderno espiritualismo (Emma Harding Britten — *History of Modern American Spiritualism*. (N. do T.)

Sobre o parapeito do cais, uma figura humana se destacava em negro, deixando ver a sua silhueta imóvel. Era o faquir de Trivanderam que orava pelo eterno descanso dos mortos.

VIII

O faquir e o escabelo de bambu - Os jarrões aéreos e o pankah misterioso

Parte da noite passei procurando achar, inutilmente, a chave do enigma. Desde que residia na Índia, vira inúmeras vezes os mesmos fenômenos e poderia comparar os executados pelo faquir de Trivanderam com muitos outros, não menos maravilhosos, que porém não provam mais que a verdade da teoria hindu sobre a evocação das almas dos antepassados.

Todavia o que faço questão de repetir, porque é a expressão da realidade, é que ninguém conhece, no Hindustão, os meios por que tais fenômenos são produzidos. Esperava com impaciência a chegada do faquir, pois tinha o propósito de prosseguir nos meus estudos sobre a antiga doutrina dos Pitris, com a exposição de fenômenos materiais que os hindus ligam às suas crenças religiosas. A boa vontade e a habilidade de Covindasamy me ofereciam uma oportunidade preciosa para rever um conjunto de fatos estranhos, que parecia m haver ocupado os ócios de todas as castas sacerdotais da antiguidade e que cem vezes havia eu visto produzir-se ante os meus olhos assombrados.

Empreguei parte do dia em visitar templos e mesquitas de Benarés e não regresssei ao palácio senão ao pôr do sol.

Caía a noite quando o faquir penetrou silenciosamente no terraço onde eu costumava esperá-lo.

As pessoas da sua classe gozam do privilégio de entrar a todas as horas nas casas dos mais altos personagens hindus sem se fazerem anunciar e, ainda que, geralmente, não procedam da mesma maneira com os europeus, desde o primeiro dia eu resolvera deixar que Covindasamy obrasse como quisesse; o que, junto ao meu

conhecimento da sua língua materna, lhe havia conquistado a amizade.

— Ouvi os ruídos que me anunciaste, disse-me; o faquir é muito hábil.

— O faquir não é nada, replicou-me com o maior sangue-frio; ele pronuncia os mantrans (conjuros mágicos) e os Espíritos os ouvem. Foram os manes dos franguys (franceses) que te visitaram.

— Tens então poder sobre os Espíritos estrangeiros?

— Ninguém pode mandar nos Espíritos.

— Expressei-me mal. Como é possível que os Espíritos dos franguys escutem, favoravelmente, as preces de um hindu, se não são da tua casta?

— Não há castas nos mundos superiores.

— Foram então os meus ancestrais que se manifestaram em minha casa, esta noite?

— Tu o disseste.

Não houve meios de fazê-lo sair daí. Cada vez que o interrogava sobre este assunto, observava-lhe atentamente o rosto, procurando surpreender nos seus olhares, no seu sorriso, em qualquer gesto, algum indício de incredulidade, porém a sua expressão era sempre impenetrável, de frio convencimento.

Depois deste diálogo sem esperar que lho pedisse pôs-se em disposição de continuar os seus exercícios.

Havendo apanhado um escabêlo de bambu, que estava a poucos passos dele, sentou-se com as pernas cruzadas, à moda muçulmana, e os braços sobre o peito. Havia eu feito iluminar, "a giorno", o terraço pelo meu criado e me preparei para não perder um só detalhe do que acontecesse. Como nos relatos anteriores suprimo tudo o que se refere à encenação e às minhas impressões pessoais para só ater-me ao fato material.

Ao cabo de alguns instantes em que o faquir pareceu concentrar sua vontade, o escabêlo de bambu sobre o qual estava sentado começou a deslizar sem ruído sobre o solo, dando pequenas sacudidelas que o faziam avançar, cada vez, uns dez centímetros. O terraço teria sete metros quadrados e em dez minutos foi percorrido; chegado à sua extremidade, o escabêlo continuou desta vez para trás até alcançar o ponto de partida. Fiz que se repetisse por três vezes a operação, logrando o mesmo êxito. Devo fazer notar que as pernas do faquir, cruzadas à oriental, estavam separadas do chão por toda a altura do escabelo de bambu.

Fizera durante o dia inteiro um calor abrasador; a brisa noturna, tão regular nesta região, a qual vem todas as noites dos montes Himalaia refrescar os nossos pulmões abrasados, não soprava ainda e o metor (criado), por meio de uma corda de fibras de côco, balançava sobre as nossas cabeças um enorme pankah, suspenso às barras de ferro do centro do terraço, as quais suportavam, horizontalmente, as cortinas e esteiras que faziam daquele lugar uma verdadeira habitação.

O pankah é uma espécie de abano móvel, com a forma de um paralelogramo, fixo no teto por duas extremidades.

Posto em movimento por um criado, proporciona uma frescura fictícia, é verdade, porém agradabilíssima. Para produzir o seu segundo fenômeno, serviu-se o faquir deste instrumento.

Fiz o metor entregar-lhe a corda; ele a apoiou com as duas mãos sobre a frente e se acocorou debaixo do abano.

Para logo, sem o que Covindasamy houvesse feito um só movimento, o pankah começou a agitar-se de leve, aumentando gradualmente de velocidade e não tardou em balançar-se a toda força sobre as nossas cabeças, como impulsionado por mão invisível.

O faquir largou depois a corda e o instrumento continuou no seu balanço, porém foi perdendo pouco a pouco a força que o impulsionava e acabou por ficar imóvel. Estes dois fenômenos, várias

vezes repetidos, nos haviam ocupado muito tempo; não obstante, antes de ir-me embora, quis o faquir dar-me outra prova do seu poder. Três jarrões de flores, bastante pesados e que exigiam todo o esforço dum homem para levantá-los, se achavam nos cantos do terraço. Escolheu Covindasamy um deles e, impondo-lhe as mãos, de forma que tocava a borda com a ponta dos dedos, imprimiu-lhe um balanço tão regular como o dum pêndulo. Dentro de poucos instantes, pareceu-me que o jarrão, sem modificar o seu movimento, se elevava, e julguei vê-lo flutuar, claramente, no vácuo, da direita para a esquerda, segundo a direção que lhe imprimia o faquir (13).

(13) O mais curioso efeito obtido diante de nós por Slade e por diversas vezes foi a levitação completa da mesa que serve em nossas experiências (sem mecanismo, bem entendido). Por simples imposição das mãos de Slade, a mesa erguia-se, voltava-se de pernas para cima e ia tocar o teto com os seus quatro pés sobre as nossas cabeças; isso em menos tempo do que é preciso para dizê-lo. — Paul Gibier — O faquirismo Ocidental. (N. do T.)

Não posso empregar mais do que uma forma dubitativa para dar conta deste fenômeno, porque sempre o tenho considerado uma ilusão dos meus sentidos, ainda que, amiúde, os tenha presenciado, em pleno dia.

IX

O velador (14) preso ao solo — granizada de golpes — o moinho penas voadoras — o harmonium

Apenas três dias devia permanecer o faquir em Benarés e resolvi dedicar a última sessão a experiências de magnetismo e sonambulismo; quando lhe participei o meu desejo, pareceu ficar assombrado, com estas expressões novas que, bem ou mal, lhe traduzi na sua língua.

(14) Velador — suporte vertical de pau que assenta sobre sua base ou pé e que termina superiormente por um disco circular onde se coloca um candeeiro ou vela (Caldas Aulette — Dicionário da Língua Portuguesa) (N. do T.)

Assim que lhe fiz compreender o sentido que se lhes dá na Europa, sorriu e me respondeu, segundo o seu costume, que os ditos fenômenos eram também obra dos Pitris (Espíritos), como os outros que eu havia presenciado.

Como qualquer discussão sobre este assunto era inútil, sem preocupar-me com as suas crenças religiosas e as causas a que atribuía o seu poder, limitei-me a perguntar-lhe se consentia em prestar-se a este gênero de experiência.

— O francês, respondeu-me, falou ao faquir na sua língua natal. O faquir não lhe pode negar nada.

Satisfeito com a sua resposta, formulei logo outra pergunta.

— Não poderias permitir-me, disse-lhe, que eu mesmo indicasse os fenômenos que quisesse ver-te realizar, em vez de deixá-los à tua escolha?

Ainda que, pelas circunstâncias particulares em que se haviam produzido os fenômenos, me parecesse pouco provável que o faquir tivesse podido preparar de antemão as anteriores experiências, de combinação com os meus criados, desejava, na verdade, ver se

Covindasamy lograva obter manifestações que eu não conhecia; nem podia prever.

— Farei o que te aprouver, respondeu-me simplesmente.

Com freqüência, eu havia visto faquires fazer com que qualquer objeto aderisse ao solo, seja devido à explicação que me deu um major inglês que se ocupava destas questões e, segundo o qual, tudo consistia em aumentar-lhe o peso específico carregando-o de fluidos, seja por outro meio desconhecido.

Resolvi repetir a experiência. Apanhei um pequeno velador de madeira que eu levantava sem esforço entre o dedo polegar e o índice, levei-o para o terraço e perguntei ao faquir se podia prendê-lo ao chão de modo tal que fosse impossível transportá-lo para outra parte.

Dirigiu-se, imediatamente, o malabar para a mesinha, impôs as mãos sobre a sua superfície, permaneceu imóvel nesta posição perto dum quarto de hora e, transcorrido este tempo, me disse sorrindo: "Os Espíritos já vieram e ninguém poderá mover este velador contra a sua vontade".

Aproximei-me com certa incredulidade e fiz o movimento necessário para levantá-lo, porém não consegui sequer fazê-lo oscilar, como se estivesse soldado, inquebrantavelmente, às lousas do solo. Redobrei os esforços e apenas consegui ficar com a parte superior entre as mãos.

Inclinei-me então e procurei despegar os pés, unidos por duas travessas em forma de X, porém não obtive melhor resultado.

Nesse momento, ocorreu-me uma idéia.

Se os faquires produzem este fenômeno carregando de fluidos os objetos, pensei, é pela atuação duma força natural cujas leis ignoramos e, assim, os fluidos, quando não se renovam pela imposição das mãos, devem perder-se gradualmente e, neste caso, dentro dum instante poderei mover sem esforço a parte restante do velador.

Roguei ao faquir que se colocasse no extremo oposto do terraço, causa que executou de bom grado, e, com efeito, ao cabo de poucos minutos, pude deslocar o pequeno móvel.

Ali, pois, havia uma força. Não podia negá-la, a menos que tivesse de admitir uma fraude impossível naquelas circunstâncias.

Se tivesse querido fiscalizá-la, cientificamente, necessitaria de meses inteiros para esta única experiência; não tinha tempo para isto e me limito a narrá-lo como as demais, sem pronunciar-me sobre os meios e as causas.

— Os Pitris se foram, disse-me o hindu, à guisa de explicação, porque se rompeu o laço de comunicação terrestre. Olha! Voltam outra vez!!

Isto dizendo, impôs as mãos sobre uma dessas grandes bandejas de cobre, incrustadas de prata, das quais os indígenas ricos se servem para jogar dados e, quase no mesmo instante, soaram sobre a sua superfície tão grande quantidade de pancadas, com tal violência, que parecia uma granizada sobre um teto metálico. Julguei ver (volto à minha linguagem dubitativo) uma série de fulgores fosforescentes, bastante intensos para serem vistos em pleno dia, passar e repassar em todos os sentidos sobre a face da bandeja.

O fenômeno cessava ou se reproduzia, à vontade do faquir.

Já disse que os apartamentos que eu ocupava no palácio do Peishwa estavam mobiliados, meio à européia, meio à oriental. Sobre uma estante, via-se uma porção de objetos, como moinhos de vento, soldados de chumbo, jogos de madeira de Nuremberg, com seus eternos pinheiros verdes que são para as crianças a primeira representação da Natureza...

Todos os móveis estavam atravancados de produtos nossos.

Os mais pueris como os mais artísticos apareciam em pinturesca confusão, ao gosto dos criados indígenas. Mas não ríamos: as três quartas partes dos objetos chineses, hindus ou polinésios com que

adornamos, pomposamente, as nossas pretensiosas moradas não permitiriam a um dos ditos indígenas conservar a sua seriedade... Divisei um pequenino moinho que o mais ligeiro sopro punha em movimento, comunicando este a vários personagens.

Assinalei-o a Covindasamy e lhe pedi que o pusesse em movimento, sem tocá-lo. Únicamente pela posição de mãos, o moinho se pôs a dar voltas com extraordinária rapidez; que aumentava ou diminuía, segundo a distancia em que se colocava o faquir.

O fato era singelíssimo e, sem dúvida, um dos que mais me impressionaram pela impossibilidade de uma prévia preparação.

Contarei outro da mesma natureza, porém ainda mais surpreendente.

Entre os objetos que compunham o museu do Peishwa, encontrava-se um harmonium. Passei uma corda pelo retângulo de madeira que enquadra o fole (parte do instrumento que, como se sabe, é oposta à das teclas) e o suspendi a uma das barras de ferro do terraço, deixando-o flutuar no vácuo, a alguns pés do solo. Pedi, então, ao faquir que o fizesse soar, sem o tocar. Acedendo imediatamente ao meu desejo, segurou ele, entre o polegar e o índice de cada mão, a corda que sustinha o harmonium, e se concentrou na mais completa imobilidade. Logo o instrumento se agitou suavemente, o fole se contraiu num movimento de vaivém, como se o tivesse imprimido mão invisível, e o instrumento produziu sons prolongados, sem harmonia entre si, é certo, porém perfeitamente nítidos (15).

(15) Aqueles que estavam de cada lado do Sr. Home viram o acordeão mover-se, oscilar, voltar em torno da gaiola e tocar ao mesmo tempo. O Dr. A. B. (o Prof. Huggins) olhou então para cima da mesa e disse que a mão do médium parecia completamente imóvel, enquanto o acordeão se movia e fazia ouvir sons distintos (William Crookes, Researches in to the Phenomena of Spiritualism). (N. do T.)

— Não poderias obter que tocassem uma ária? perguntei a Covindasamy.

— Vou evocar o Espírito dum antigo músico dos pagodes, respondeu-me com a maior simplicidade.

Esperei.

Passado algum tempo, em silêncio, o instrumento que cessara de ressoar assim que fiz a minha pergunta, se agitou de novo e emitiu primeiro uma série de acordes muito semelhantes a um prelúdio e logo começou, desembaraçadamente, a modular uma das árias mais populares de casta malabar:

Taitú mucuti conda

Aruné cony pomelé, etc,

(Trazei jóias para a jovem virgem de Aruné, etc.)

Durante todo o tempo que durou a execução da peça, o faquir não fez o mais ligeiro movimento, limitando-se a ter os dedos em contacto com a corda que o punha em comunicação com o harmonium. Para fiscalizar o fenómeno, acerquei-me para observar os diferentes movimentos do instrumento e vi, de modo a poder afirmá-lo, a menos que fosse uma ilusão dos meus sentidos, as teclas baixando e levantando para dar execução à música.

Uma vez mais consigno fatos sem formular conclusões.

Suponhamos que não tivesse havido nem ilusão, nem charlatanismo na produção dos ditos fenómenos. Teríamos que buscar as leis? "Não", dizem, a priori, os sábios oficiais de França; semelhantes loucuras não merecem exame". "Sim", respondem os sábios não menos oficiais de Inglaterra.

Nós próprios comprovamos fatos materiais, nos quais nem ilusão nem charlatanismo tomaram parte: é para nós empenho de honra buscar-lhes as leis e dizer a verdade!

Eis aí o estado da questão.

Duma parte, a negação; da outra, o estudo. Os nossos sábios franceses — para chamá-los pelo nome que entre si se dão — não perdem, como se vê, as tradições que lhes fizeram repelir todos os

grandes inventos que honram a nossa época. Concebe-se que eu não tome uma parte ativa no debate. Se eu me atrevesse a formular uma lei sobre os fatos que tenho observado todo o mundo me diria: O senhor experimentou, cientificamente, todos os fatos singulares executados pelos faquires de que nos fala?

E como eu não fiz construir debaixo da minha vigilância nem balanças, nem pesos, nem vasos, nem enfim nenhum dos instrumentos de que os faquires se utilizam, teria de responder: cientificamente, não.

Porém, por outro lado, quando me lembro que os faquires se serviram de objetos de minha propriedade e, mais a miúdo, de causas que, segundo todas as probabilidades, nunca haviam tocado, nem visto, digo com Crookes, Huggins, Cox e outros: Há aqui fatos dignos de estudo, posto que tão interessante é poro a ciência negá-los como afirmá-los com conhecimento de causa...

O acaso fêz-me achar Covindasamy, de joelhos, às margens do rio sagrado e, como se fizesse tarde, despediu-se de mim com todos os salams de costume, anunciando-me que não me poderia visitar no dia seguinte.

Como lhe manifestasse o meu sentimento, disse-me: "Amanhã é o vigésimo dia de minha chegada a Benarés e o último das cerimônias fúnebres. O faquir deve permanecer da primeira à segunda saída do sol (vinte e quatro horas) em oração; cumprida a sua missão, partirá para Trivanderam, porém antes de empreender a viagem para meu país, te dedicará um dia e uma noite inteira, porque tu tens sido bom para comigo; minha boca, tanto tempo fechada, abriu-se de novo para falar contigo, a língua com que minha velha ama (mãe) me acalentava quando criança".

Lágrimas lhe embargavam a voz quando pronunciou estas últimas palavras. Nunca vi um faquir falar de sua mãe, sem emoção.

No momento em que ia transpor o umbral da porta do terraço, percebendo num vaso um ramalhete de várias penas dos mais raros pássaros da Índia, colheu algumas delas e as arrojou para o alto; quando as penas iam cair, o faquir fazia passes debaixo delas e, à medida que tocavam em suas mãos, tornavam o subir em espiral até o tapete que servia de teto móvel ao terraço. Todas seguiram igual direção, porém, ao fim dum instante, obedeceram de novo às leis de atração que tendiam fazê-las cair, voltaram a cair, mas, apenas haviam percorrido a metade do caminho, ascenderam de novo e acabaram por permanecer imóvel no teto.

Um último estremecimento seguido duma ligeira propensão para descer se manifestou outra vez nas penas, porém em seguida tornaram a ficar imóveis e vendo-as destacar-se com seus múltiplos matizes, talvez se pensasse que o pincel dura hábil artista se houvesse pintado ali.

Assim que o faquir desapareceu, as penas caíram inertes no chão; deixei-as esparsas durante algum tempo sobre as lousas de mármore, sentindo a necessidade de dar-me, a mim mesmo, uma prova "de que não havia sido objeto duma alucinação".

Apenas caiu a noite e com ela uma agradável frescura, dirigi-me para o cais e, embarcando no dingui, ordenei ao cercar que deixas-se ir a embarcação entregue à corrente.

Influenciado, a meu pesar, por todos estes fenômenos incompreensíveis, tinha necessidade de encontrar-me em outro ambiente, substituindo o sonho que me perdia através de todas as especulações metafísicas da humanidade pelas sensações mais doces que sempre me fizeram experimentar as noites poéticas do Ganges, acalentado pelos cantos dos remadores hindustânicos e o longínquo rugido das feras.

X

Reprodução de escritos na areia a vasilha d'água e o cozinheiro — extinção de canto — tradução do pensamento — leitura duma palavra num livro cerrado — ruídos melódiosos no ar — a folha de palmeira — levitação do faquir

— "Havia-me prometido Covindasamy que antes de separar-se de mim para regressar a Trivanderam (sua terra natal, perto do cabo Comorim), faria um apelo a todas as forças de que dispunha, a todos os Espíritos que o auxiliavam, segundo uma expressão sua cuja responsabilidade lhe deixo, e que me faria ver maravilhas, das quais eu guardaria eterna recordação. Devíamos aquele dia realizar duas sessões uma à luz meridiana, como as anteriores e outra à noite, porém com inteira liberdade de iluminar à minha vontade o local das nossas experiências.

Apenas dourava o sol o gath de Siva quando o hindu cuja missão, determinante da sua vinda ali, havia terminado, se fez anunciar pelo meu cansama (empregado), temendo achar-me adormecido.

"Saranaí aya (Saúdo-te respeitosamente, senhor), disse-me ele ao entrar. Amanhã deve voltar o faquir ao país de seus antepassados".

— Meus votos te acompanharão, respondi-lhe. Oxalá tenham os pisatchas (Espíritos malévolos) respeitado a tua morada durante a tua ausência!

Segundo o seu costume, não tratou o faquir de continuar a conversa e, depois das saudações habituais, acorrou-se no chão e deu início a uma série de fenômenos. Trouxera consigo um saquinho cheio de areia finíssima, que esvaziou no pavimento de lousa, fazendo-a, com a mão, cobrir uma superfície de 50 centímetros quadrados. Uma vez feito isto, pediu-me que apanhasse papel e lápis e me colocasse à sua frente. Pediu-me, pedais, um pedacinho de

madeira. Dei-lhe uma caneta, que ele colocou delicadamente sobre a areia.

— "Vou evocar os Pitris, disse-me; quando vires que o objeto, que acabaste de dar-me, se levanta, verticalmente, permanecendo em contacto com o solo por uma das extremidades, podes traçar no papel os sinais que desejes e os verás reproduzidos na areia".

Estendeu as mãos horizontalmente, para diante e pos-se a murmurar fórmulas secretas de evocação. Ao cabo de alguns instantes, a caneta que eu lhe havia dado se elevou, pouco a pouco, acima da areia; imediatamente, comecei a desenhar no papel as figuras mais estranhas e variadas. Vi que a caneta copiava fielmente todos os meus movimentos, desenhando na areia os sinais e arabescos por mim desenhados. Quando eu parava, parava também o improvisado lápis; continuava eu e ele seguia os meus movimentos. (16).

(16) Tendo sido a mesa previamente examinada, uma folha de papel de carta foi, em segredo, cercada por mim e colocada juntamente com um lápis de chumbo sob o pé central do móvel, conservando todos os assistentes as suas mãos sobre a mesa.

Passados alguns minutos ouviram-se alguns ruídos e, retirado o papel, achei nele traçada com caracteres leves a palavra William. (Alfred Russell Wallace — Miracles and Modern Spiritulaism) (N. do T.)

O faquir não havia mudado de posição e nada, na aparência, estabelecia contacto entre ele e a caneta.

Desejando verificar se, do sítio em que ele se achava, se podiam ver os movimentos que eu fazia com o lápis no papel, deixei a mesa e me coloquei em torno tal que tive de me convencer que a Covindasamy era impossível perceber o que eu desenhava. Comparei imediatamente os sinais na areia com os do papel e a semelhança era perfeita.

Ele alisou com a mão a areia e me disse:

— Pensa uma palavra na língua dos deuses, o sânscrito.

— Por que neste idioma? perguntei-lhe.

— Porque os Espíritos se servem mais facilmente desta língua imortal, proibida aos impuros, respondeu.

Tinha eu o costume de não discutir as opiniões do faquir e me dei por satisfeito com a sua explicação.

O hindu estendeu as mãos, como antes havia feito, e a caneta mágica se levantou gradualmente e escreveu sem vacilar: Purusha! (O gerador celeste).

Esta era, realmente, a palavra em que eu havia pensado.

— Pensa uma frase inteira.

— Pronto, respondi-lhe.

E a caneta escreveu na areia as seguintes palavras: Adiceté Viekuntam Haris (Vixinu dorme no monte Veikunta).

— Pode recitar-me, o Espírito que te auxilia, a estância 243 do quarto livro de Manu? — perguntei a Covindasamy.

Apenas havia expressado o meu desejo, e o improvisado instrumento de escrita traçou na areia a estância pedida:

Darmapradanam purusham tapasa hatakilsan

Parakan naíati acubasantam Kasaririnam.

(O homem, cujas virtudes todas têm por objeto a virtude e cujos pecados têm sido apagadas, por sacrifícios e atos piedosos, chega à celestial morada resplandecente de luz e revestido de uma forma espiritual).

Enfim, como última experiência perguntei; colocando a mão sobre um libreto fechado, que continha alguns hinos do Rig-Veda, qual era a primeira palavra da quinta linha da página vinte e um. A resposta foi: Devadatla.

Verifiquei e era exato.

— Queres fazer uma pergunta mental? — inquiriu o faquir.

Aquiesci com um movimento de cabeça e apareceu sobre a areia a palavra seguinte: Vasundara. (A terra).

Eu perguntara: Qual é a nossa mãe comum?

Nada explico ou afirmo sobre as causas. É habilidade? É inspiração?

Ignoro-o. Narro o que vi. Vi e respondo pelas circunstâncias em que os fatos se produziram. Materialmente, não creio possível a idéia de fraude.

A primeira parte desta sessão havia durado um pouco e por isto pedi ao faquir que interrompesse por alguns minutos o curso dos seus fenômenos, dirigindo-me em seguida para o extremo do terraço aonde ele me seguiu.

Seriam dez da manhã.

O sol fazia espelhar as águas do Ganges. À nossa esquerda, estendia-se um vasto jardim em cujo centro um criado tirava, preguiçosamente, água dum poço ao despejava num conduto de bambu que, por sua vez a levava até o quarto de banho.

Impôs Covindasamy as mãos em direção ao poço e, no mesmo instante, vi o pobre indígena puxar furiosamente a corda, sem conseguir que esta cedesse aos seus contínuos esforços.

Sempre que algo se opõe ao que executo, um hindu atribui o obstáculo que não pode vencer a influência de maus gênios, e logo lança sobre eles todo a sorte de conjuros mágicos, cujo pretenso segredo tem pago, às vezes, caríssimo.

Assim fez o nosso homem, porém, apenas havia murmurado algumas palavras neste tom agudo e nasal com o qual ofendem os ouvidos todo o Oriente e o Extremo-Oriente, o som expirou em sua garganta sem que, apesar das mais grotescas contorções, pudesse articular uma palavra mais.

Ao fim de alguns minutos deste singular espetáculo, o faquir abaixou as mãos e, ato contínuo, o criado recuperou o uso da voz e o domínio sobre a corda.

Quando voltamos ao lugar das nossas experiências, o calor estava sufocante e o fiz observar ao faquir, que tão concentrado parecia, que julguei não me tivesse ouvido.

Não pensava mais nele quando um desses abaninhos de folhas de palmeira, de que se utilizam os criados hindus para dar-nos ar nas habitações em que não existe ponkah, se elevou, voltejando, da mesinha em que estava colocado e veio em direção a mim, agitando, suavemente, o ar junto ao meu rosto. Ainda que o seu movimento fosse lentíssimo, observei que me proporcionava uma frescura extraordinária.

No mesmo instante, pareceu-me ouvir o som harmonioso duma voz humana que nada tinha de hindu, vibrar e extinguir-se no espaço, como esses cantos idealizados pela distância, os quais os caçadores montanheses ouvem, no crepúsculo, ascender do fundo dos vales. Logo que a folha de palmeira voltou a ocupar o seu lugar sobre a mesa, cessaram os sons e eu perguntei a mim mesmo se não havia sido vítima duma ilusão.

No momento em que ele me deixava para comer alguma coisa e dormir algumas horas, coisas que não fazia, havia vinte e quatro horas, o faquir se deteve no vão da porta que dava do terraço para a escada e, cruzando os braços sobre o peito, se elevou, pouco a pouco, sem apoio aparente, a uma altura aproximada de vinte e cinco a trinta centímetros.

Pude fixar exatamente esta distância graças a um ponto de comparação que marcara enquanto durava o fenômeno. Por detrás do faquir, havia uma tapeçaria de seda que servia de reposteiro, raiada de ouro e branco em listas iguais, e eu observei que os pés de Cavindasamy estavam na altura da sexta lista. Ao ver começar a sua levitação puxei de meu cronômetro: a duração total do fenômeno, desde que ele começou a estender até de novo tocar o solo, foi pouco mais de oito minutos permanecendo, durante cinco, imóvel na sua

altura máxima. No momento em que o faquir se despediu de mim, perguntei-lhe se lhe era possível reproduzir, à vontade, o último fenômeno.

— O faquir, respondeu enfaticamente, pode elevar-se até às nuvens.

— Como obtiveste este poder? perguntei-lhe sem saber por que, visto que mais de vinte vezes me havia dito que Unicamente se considerava como um instrumento nas mãos dos Pitris.

Respondeu-me sentenciosamente:

Swadyaíé nityayukta siat

Ambarad avatarati deva.

(Em comunicação constante pela oração contemplativa, um Espírito superior desce do céu sobre ele).

XI

Vegetação espontânea

No relato das suas viagens pelo tibete, narrou o missionário Huc um fenômeno semelhante ao que vou relatar e que não posso considerar senão como habilíssimo jogo de mãos.

Não o mencionaria, se não fizesse parte integrante da bagagem das manifestações exteriores dos sequazes dos Pitris e se, fiel o meu papel de historiador, não tivesse empenho em não ocultar nenhuma das suas singulares práticas.

Entre as mais extraordinárias pretensões dos faquires, figura a de influírem de maneira direta sobre a vegetação das plantas, e poderem acelerar de tal forma o seu crescimento, que logram em poucas horas um resultado que, ordinariamente, exige meses e até anos de cultivo. Muitas vezes, presenciei o fenômeno, porém, como não havia visto nele mais que habilíssima trapaça desdenhara de anotar exatamente as circunstâncias em que se produzia.

Por mais fantástico que fosse, resolvi, disposto que estava a fazer que Covindasamy cuja força era realmente maravilhosa, reproduzisse todos os fenômenos que eu vira executados por outros, experimentar com ele este fato absurdo, porém curioso, da vegetação espontânea, exercendo severa vigilância sobre cada um dos seus atos, de modo que nenhum escapasse à minha atenção.

Anuíra ele em conceder-me duas horas de experiência em pleno dia, das 3 às 5 da tarde, antes da grande sessão da noite, e me decidi a consagrá-las a essa experiência.

Julguei que surpreenderia o faquir, quando, ao chegar ele, eu lhe confiasse os meus propósitos.

— Estou às tuas ordens — respondeu-me com a sua habitual simplicidade.

Algo desconsertado ante essa firmeza, sempre repliquei:

— Deixar-me-ás escolher a terra, o vaso e o grão que vais fazer germinar diante de mim?

— O vaso e o grão, sim; porém, a terra deverá ser colhida num ninho de carias.

Carias são pequenas formigas brancas, que constroem suas habitações em forma de montículos que alcançam, em geral, uma altura de oito a dez metros. Muito comuns na Índia, nada mais fácil havia do que conseguir um pouco de terra que elas acumulam destramente para construírem suas moradas.

Ordenei ao meu criado que trouxesse uma vasilha de regular tamanho e alguns grãos de diferentes espécies. Recomendou-lhe o faquir que desfizesse, com duas pedras, a terra que só pudesse arrancar em torrões.

Era boa a recomendação, uma vez que não podíamos executar, dentro da casa, essa operação, exigida pela dureza do material de que necessitávamos.

Um quarto de hora depois estava o criado de volta com tudo o que fora pedido e me apressei a despedi-lo antes que falasse com Covindasamy.

Dei a este o vaso cheio da terra esbranquiçada, que havia de estar saturada do licor leitoso que as carias segregam. Ele a desmanchou, lentamente, num pouco d'água, murmurando mantrans (conjuros mágicos), cujas palavras não me chegaram até os ouvidos.

Quando julgou que já estava convenientemente preparada, pediu-me o grão que eu havia escolhido e alguns palmos de tela branca.

Apanhei, ao acaso, uma semente de mamoeiro; mas, antes de dar-lhe, pedi licença para marcá-la. Havendo acedido, fiz um corte na película do grão e dei-lhe, juntamente com alguns metros de musselina própria para mosquito.

— Dentro em pouco dormirei o sono dos Espíritos, disse-me Covindasamy; jura que não me tocarás, nem no vaso.

Prometi-lhe.

Plantou então o grão na terra que havia passado ao estado líquido, enterrou o bastão de sete nós, símbolo da iniciação, que nunca abandonava, na vasilha e estendeu sobre esta o pedaço de mussellina que eu lhe acabara de entregar. Depois de haver ocultado assim o objeto sobre o qual ia operar, sentou-se no chão, estendeu as mãos horizontalmente sobre o aparelho e caiu, pouco a pouco, num estado de completa catalepsia.

Havia jurado não o tocar e, a princípio, duvidei de que fosse real a sua situação. Julguei-a simulada, porém, quando vi que transcorreria meia hora e ele não fazia nenhum movimento, tive que me render à evidência, pois nenhum homem desperto, qualquer que seja a sua força, é capaz de manter, por dez minutos que seja, os braços estendidos para a frente, horizontalmente.

Transcorreu uma hora, sem que o menor movimento de músculos denotasse vida... Quase inteiramente nu, o corpo lúcido e brunido pelo calor, os olhos abertos e imóveis, o faquir parecia uma estátua de bronze, numa atitude de evocação mística.

Desde o primeiro momento, eu me colocara diante dele, mas não lhe pude suportar o olhar que, mesmo apagado, me parecia carregado de eflúvios magnéticos... Em dado instante, afigurou-se-me que tudo girava em torno de mim, inclusive o faquir. Para escapar a essa alucinação dos meus sentidos, produzida, sem dúvida, pela excessiva tensão dos meus olhares sobre um mesmo ponto, levantei-me e, sem perder de vista a Covindasamy, imóvel como cadáver, fui sentar-me no extremo do terraço, fixando alternativamente minha atenção no rio e no faquir, para livrar-me duma influência demasiado direta e prolongada.

Havia duas horas que eu esperava e já o sol começava a sumir-se no horizonte, quando um ligeiro suspiro me fez estremecer. O faquir voltara a si.

Fez-me sinal para que me aproximasse e, levantando a musselina, me mostrou um raminho fresco e verde, de uns vinte centímetros de altura. (17).

(17) "*Yolanda*" levantou a garrafa em que a planta havia brotado; suas raízes eram visíveis através do vidro e estavam profundamente mergulhadas na areia. (Mrs. E. D'Esperance — *No País das Sombras*). (N. do T.)

Adivinhando o meu pensamento, enterrou os dedos na terra que, durante a operação, havia perdido quase toda a sua umidade, e, retirando cuidadosamente a plantinha, mostrou-me, na película aderida às raízes, o corte que eu havia feito duas horas antes.

Eram o mesmo grão e o mesmo corte? Não posso dizer senão uma coisa: eu não vira nenhuma substituição; o faquir não saíra do terraço; eu não o havia perdido de vista um instante; ele ignorava, ao chegar, o que lhe ia pedir; não podia ocultar uma planta em suas vestes, visto que estava quase completamente despido. Em todo caso, como teria podido saber, de antemão, que semente escolheria eu, entre as trinta espécies diferentes que o criado me havia trazido? Compreende-se que nada se possa afirmar sobre semelhante fato.

Há casos em que a razão não se submete, ainda mesmo em presença de fenômenos que os sentidos não têm podido surpreender em flagrante delito de trapaça.

Depois de ter-se divertido com o meu assombro, disse-me com mal dissimulado orgulho:

— Se continuasse as evocações, dentro de oito dias, o mamoeiro teria flores, e, dentro de quinze, frutos.

Recordando a narração do padre Huc e outros fenômenos que eu mesmo presenciara, repliquei-lhe que havia faquires que, em duas horas, obtinham tais resultados.

— Enganas-te, replicou-me. As manifestações de que falas são fenômenos de transporte (apports) de árvores com frutos, pelos Espíritos. O que acabas de ver é uma verdadeira vegetação espontânea; nunca o fluido puro (acaso), dirigido pelos Pitris, pôde produzir, num só dia, as três fases de nascimento, floração e frutificação.

Aproximava-se a hora das abluções, isto é, o pôr do sol; o faquir se apressou a deixar-me para voltar a experimentar comigo, pela última vez, às dez da noite, numa sessão inteiramente consagrada a fenômenos de aparição.

Devo mencionar um fato que conhecem todos os que hão vivido na Índia e que talvez abra caminho a uma explicação.

Fiz muitas vezes a experiência de plantar um punhado de sementes de hortaliças num terreno úmido e bem exposto.

Plantadas na aurora, debaixo da influência daquele sol maravilhoso, brotam entre as doze e treze horas e, às seis da tarde, quando o dia morre, alcançam já um centímetro de altura.

Por outro lado, deve-se dizer, para ser justo, que são necessários quinze dias para fazer germinar uma semente de mamoeiro.

Mas me detive demasiado num fato que muitos relegam para o domínio da fantasia e que o raciocínio, se se afasta da hipótese da fraude, não poderia explicar.

XII

Mãos misteriosas — transportes de flores, coroas, etc. — letras de fogo — o espectro do brâmane sacrificador — o músico-fantasma

Ao reler fragmentos das minhas notas de viagem, escritas no dia seguinte ao desta extraordinária sessão, verifiquei que as emoções da véspera haviam influído demasiado na redação da narrativa e que não me era possível reproduzi-las inteiro sem sair do papel de simples narrador que eu mesmo me impusera.

O leitor curioso destes usos e práticas singulares poderá achá-los, com todos os detalhes, noutra obra: Viagem ao País dos Faquires Encantadores.

Devo limitar-me, como com relação aos fenômenos anteriores, a apresentar, por assim dizer, uma singela ata dos fatos que presenciei naquela surpreendente noite.

À hora combinada, Covindasamy entrava silenciosamente em meus aposentos.

— O faquir, disse-lhe eu amistosamente, não parece fatigado pelos seus vinte e um dias de oração e jejum.

— O corpo do faquir não se cansa nunca, é um escravo que só tem que obedecer, respondeu-me sentenciosamente.

Antes de entrar na minha habitação, depusera num dos degraus da escada um pequeno pedaço de tela chamado Ianguty, que compunha, de ordinário, sua única vestimenta. Entrou, pois, completamente despido, tendo preso o bastão de bambu de sete nós numa longa mecha dos cabelos.

— Nada de impuro deve tocar o corpo do evocador, disse-me, se quer conservar em toda a potencialidade sua força de comunicação com os Espíritos.

Cada vez que via um faquir neste estado, perguntava a mim mesmo se não seriam iniciados desta ordem que os gregos avistaram nas margens do Indo e aos quais chamaram "penitentes nus".

Minha alcova dava para o terraço e dispus este e aquela para as nossas experiências, cerrando com cuidado todas as peças, que à primeira davam acesso, já que o terraço, hermeticamente fechado, devido ao seu teto móvel e às suas cortinas, só tinha entrada pelo meu aposento.

No centro de cada uma destas peças, uma lâmpada de azeite de coco derramava, balançando-se na corrente de bronze que a sustinha, suave claridade, suficiente para permitir se lessem os caracteres mais miúdos, ainda que distante delas.

Em todas as casas hindus se encontram uns pequenos braseiros de cobre, constantemente acesos, para queimar, de vez em quando, um pouco de pó perfumado, composto de sândalo, raiz de íris, incenso e mirra.

O faquir colocou um braseirinho desses no centro do terraço e, ao seu lado, um prato de cobre cheio da olorosa mistura; feito isto, acocorou-se no chão e, na sua postura habitual, cruzados os braços, começou longa recitação em língua desconhecida.

Quando terminou suas invocações permaneceu imóvel na mesma postura, a mão direita apoiada sobre o bastão de sete nós e a esquerda dobrada sobre o coração.

Julguei que, como na véspera, ia cair em catalepsia, porém tal não aconteceu, pois de vez em quando estendia a mão para a frente e parecia fazer passes, a fim de descarregar o cérebro...

Daí a pouco, não pude reprimir um estremecimento: uma nuvem ligeiramente fosforescente acabava de formar-se na minha alcova e dela saíam mãos, que tornavam a desaparecer com grande rapidez, ao cabo de poucos minutos; algumas destas mãos perderam a aparência vaporosa, adquirindo a semelhança de mãos humanas; enquanto

urras, coisa singular, se materializavam de certo modo, Outras se faziam mais luminosas.

Umás se tornavam opacas e projetavam sombra debaixo da luz; outras tinham tal transparência que permitiam se vissem os objetos colocados por detrás delas,

Contei até dezesseis mãos. Perguntei ao faquir se eu as podia tocar e, apenas havia formulado o meu desejo, uma delas veio, revolteando, estreitar a mão que lhe eu estendia. Era pequena, delicada, fresca, como a de uma jovem.

— O Espírito está aqui, disse Covindasamy. Ainda que só seja visível uma de suas mãos, podes falar-lhe, se quiseres.

Sorrindo, perguntei se o Espírito, dono daquela mão encantadora, consentiria em deixar-me uma lembrança. Como resposta, a mão se desvaneceu na minha e se dirigiu para um ramo de fiaves, arrancou dele um botão de rosa, arrojou-me aos pés e desapareceu. (18). Durante duas horas, assisti uma cena capaz de causar vertigem.

(18) Uma mão pequena, de forma muito bela, elevou-se de uma mesa da sala de jantar e deu-me uma flor; apareceu e desapareceu por três vezes, dando-me toda a facilidade de convencer-me que ela era tão real quanto a minha própria mão. Isso passou-se em plena luz, na minha própria sala, quando os pés e as mãos do médium estavam seguros por mim. (William Crookes — Researches in to the Phenomena of Spiritualism). (N. do T.)

Mal uma mão me acariciava o rosto ou me abanava, outra deixava cair uma chuva de flores, ou traçava no espaço, com letras de fogo, palavras que desapareciam desde que a última letra havia sido escrita. Varias destas frases me chamaram tanto a atenção, que as escrevi, rapidamente, a lápis.

Divyavapur gatwá (Tomei um corpo fluídico).

Logo depois, a mão escreveu:

Atmanan creyasa yoxyatas, Dehasya sya vimocanat. (Alcançarás a felicidade desembaraçando-te deste corpo perecível).

Durante todo este tempo, fulgurantes relâmpagos cruzavam os dois compartimentos. Pouco a pouco todas as mãos desapareceram; a nuvem donde pareciam brotar também desapareceu gradualmente, à medida que as mãos se materializavam.

No lugar em que se sumiu a última, achamos uma coroa de sempre-vivas amarelas, de penetrante perfume, que os hindus empregam em todas as suas cerimônias.

Não procuro explicar os fatos... Relato e deixo livre o campo a todas as suposições. O que posso afirmar é que as portas dos dois aposentos se achavam fechados, que as respectivas chaves estavam no meu bolso e que o faquir não mudara de posição.

A estes fenômenos sucederam outros, ainda mais surpreendentes. Pouco depois da desapareição das mãos, continuando o faquir com mais ardor as suas evocações, uma nuvem, semelhante à primeira, porém dum matiz mais colorido e de maior opacidade, desceu até junto do braseirinho, que fora mantido constantemente aceso.

Pouco a pouco, a nuvem tomou forma humana e distingui o espectro, não posso chamá-lo de outro modo, dum velho brâmane sacrificador, ajoelhado ao lado do braseirinho.

Trazia na frente os signos consagrados a Vixinu e, ao redor do corpo, o tríplice cordão, sinal dos iniciados da casta dos sacerdotes. Unia as mãos sobre a cabeça e seus lábios se agitavam como se murmurasse orações. Em dado momento, colheu um pouco do perfumado pó e o lançou no braseirinho; devia ser grande a dose, pois que espessa fumaceira encheu num instante os dois compartimentos. Quando essa nuvem se dissipou, percebi o espectro, que, a dois passos de mim, me estendia a mão descarnada. Apertei-a e fiquei surpreendido por achar nela algo de ossudo, duro, quente e vivo. (19).

(19) Deste exame resultou que na mão de Katie não encontrei ossos; ao notá-lo, tornei a examiná-la e, quando o observei a Katie, ela respondeu rindo-se: "Espere um momento". Então passeou algum entre os presentes, depois do que se aproximou de mim, colocou seu braço em minhas mãos e me chamou a atenção para sua mão. Maravilhoso!

Existiam ossos. (Historia de las apariciones de "Katie King", por um adepto testemunho do Dr. Georges H. Tapp), (N. do T.)

Es, realmente, perguntei em alta voz, um antigo habitante da terra?

Não havia ainda terminado a pergunta, quando a palavra Am! (Sim!) aparecia e desaparecia em letras de fogo, sobre o peito do velho brâmane, por um efeito semelhante ao que produziria esta palavra escrita na obscuridade, com um pedaço de fósforo.

— Não me deixarás nada como recordação da tua visita?

O Espírito rompeu o tríplice cordão que lhe cingia os rins, deu-mo e se me desvaneceu aos pés.

Julgava terminada a sessão e ia levantar uma das cortinas do terraço para renovar o ar do interior, que me sufocava materialmente, quando verifiquei que o faquir não pensava em abandonar o seu posto e ouvi uma modulação estranha, executada num instrumento que me pareceu o harmonium de que nos havíamos utilizado dois dias antes. Entretanto, isso não se me afigurava possível, visto que, na véspera, o Peishwa mo havia pedido e o retirara dos meus aposentos.

Os sons, a princípio afastados, se aproximaram tanto, que pareciam provir dos compartimentos vizinhos. Depois, foi como se proviessem da minha alcova... e vi, deslizando ao longo da parede, o fantasma do músico do pagode a tirar de seu harmonium sons plangentes e monótonos, característicos da música religiosa hindu. Tendo dado volta completa, à minha alcova e ao terraço, desapareceu e, no próprio lugar em que isto se verificou, achei o instrumento de que se havia ele servido. (20).

(20) Uma forma de fantasma avançou do fundo da sala, foi tomar um harmonium e depois deslizou pela frente de todos tocando o instrumento. Essa forma foi visível a todas as pessoas presentes, ao mesmo tempo em que era visto o Sr. Home. O fantasma aproximou-se de uma dama que se achava sentada a alguma distância dos outros assistentes; esta deu um pequeno grito e em seguida a sombra desapareceu. (William Crookes, obra citada). (N. do T)

Era realmente o harmonium do rajá. As postas estavam hermeticamente fechadas e as chaves no meu bolso.

Levantou-se então Covindasamy; o suor lhe banhava o corpo. O coitado estava esgotado de forças e ia pôr-se a caminho dentro de algumas horas...

— Obrigado, malabar, disse-lhe eu, chamando-o pelo nome que lhe enchia o coração de júbilo, porque recordava o seu país. Que aquele que possui os três poderes misteriosos (a trindade bramânica) te proteja no teu trato para o doce país do Sul e vejas, ao chegar, que a alegria e a felicidade reinaram em tua cabana durante a tua ausência.

Esta enfática maneira de falar é de regra corrente na Índia, entre os que vão separar-se e eu teria ofendido o faquir, se empregasse termos mais simples, o que para ele, teria sido sinal de indiferença. Respondeu-me no mesmo tom, ainda com mais exagero e, depois de ter aceitado, sem o olhar, e de me agradecer, o presente que ofereci, me dirigiu, melancolicamente, o seu último solam e desapareceu sem ruído por detrás do tapete que ocultava a porta do meu aposento.

Chamei, ato contínuo, o meu criado e o fiz levantar todas as cortinas do terraço, para dar livre entrada ao ar puro da manhã. Empalidecia a noite; as ondas do Ganges rolavam, argêntas e silenciosas, e, ao longe uma ligeira linha vermelha anunciava o próximo nascer do sol.

Percebendo no rio um ponto negro que parecia dirigir-se para a margem oposta à de Benarés, focalizei-o com um binóculo: era o faquir que, fiel à sua promessa, atravessava o Ganges para tomar o caminho de Trivanderam.

Ia rever o seu oceano de ondas azuis, os seus coqueiros, a sua cabana que nunca olvidava. Dormi algumas horas numa maca e, quando despertei e recordei as cenas que se haviam desenrolado diante dos meus olhos, pareceu-me ter sido joguete duma alucinação.

Sem embargo, o harmonium estava ali e me era impossível afirmar que alguém o tinha ali posto; as flores atapetavam o chão do terraço; a coroa de sempre-vivas estava sobre um divã e as palavras que eu havia escrito, ao velas, o tinham desaparecido do meu carnê...

XIII

O fantasma de Karli

Aproximadamente quatro anos depois, atravessei Madrasta, Bellavy e Bedjapur, na província de Arungabad, para visitar o templo subterrâneo de Karli.

Estas célebres criptas, talhadas na rocha viva, estão situadas no perímetro das colinas do país márata, donde se elevam os demais monumentos desta classe que possui a Índia: Ellora, Elepranta, Rosah, etc.

Segundo E. Roberts, estas colinas terminadas todas por vastas planuras, estavam antigamente guarnecidas de fortalezas, que faziam daquele lugar uma temível linha de defesa, ante a qual árabes e muçulmanos se detiveram durante cinco séculos.

Todavia, vêem-se ruínas de cidadelas no caminho escarpado que se tem de seguir para chegar a Karli.

A entrada para os subterrâneos de Karli está situada numa altura aproximada de trezentos pés da base da colina e não é acessível senão por uma estrada escabrosa e escorregadia que antes parece o leito duma corrente do que um caminho praticável.

Conduz este caminho a um terraço ou plataforma, em parte artificial, talhada na rocha e construída com fragmentos rochosos extraídos do interior. Tem uns cem pés de largura e forma um átrio digno da magnificência do templo.

À esquerda da entrada, acha-se uma coluna maciça sobre cujo capital se alçam três leões que a ação do tempo desgastou.

A coluna está coberta de inscrições indecifráveis.

Ao penetrar no interior, achei-me no umbral dum imenso vestíbulo, coberto em todo o seu comprimento, uns sessenta passos, de arabescos e esculturas de homens e animais. Em cada lado da

entrada, encontram-se três elefantes de dimensões colossais, levando no dorso os seus condutores; sobre a espalda o artista desconhecido gravou com verdadeira maestria uma multidão de personagens.

A abóbada está sustentada por duas fileiras de pilares; cada um dos quais termina num elefante que leva sobre o lombo um homem e uma mulher que parecem oprimidos pelo enorme peso que suportam.

O lugar é imponente, porém lúgubre; apenas pude guiar-me na obscuridade.

Esta enorme cripta subterrânea é um célebre ponto de peregrinação e não é raro acharem-se nela grande número de faquires, chegados de todas as partes da Índia, a fim de permanecerem alguns dias em oração na cova das evocações. Outros se estabelecem nas imediações do templo, macerando os corpos e não vivendo mais do que numa contemplação absoluta.

Sentados dias e noites junto a fogueiras chamejantes que os fiéis conservam, com uma venda sobre a boca para que não penetre nela nada de impuro, não comendo senão alguns grãos de arroz cozido, umedecidos na água filtrada através dum lenço, chegam pouco a pouco a tal estado de magreza, que apenas têm aparência de vida; as faculdades se debilitam com rapidez e muito antes de morrer, por meio deste prolongado suicídio, se acham extenuados, física e intelectualmente.

Todos os faquires que desejam alcançar as transformações mais elevadas nos mundos superiores devem submeter-se a estes horríveis suplícios.

Mostraram-me um chegado havia poucos meses do cabo ativar mais a decomposição dos seus órgãos que haviam chegado já a um estado quase completo de insensibilidade.

Qual não foi a minha surpresa quando, por uma larga cicatriz que lhe marcara profundamente toda a parte superior do crânio, pareceu-me reconhecer nele o faquir de Trivanderam.

Aproximei-me dele e, naquela formosa língua do Sul, que tanto amava, perguntei-lhe se se recordava do franguy de Benarés.

Um vislumbre iluminou por um instante aqueles olhos quase apagados e o ouvi murmurar estas duas palavras sânscritas que eu havia lido em letras fosforescentes na noite da nossa última sessão:

Divyvapur gatwá (Tomei um corpo fluídico).

Este foi o único sinal de atenção que dele pude obter.

Os hindus dos arredores não o conheciam senão pelo nome de Karli Salya, o cadáver, o fantasma de Xarli.

Assim, na decrepitude e na imbecilidade, acabam os médiuns hindus.

FIM